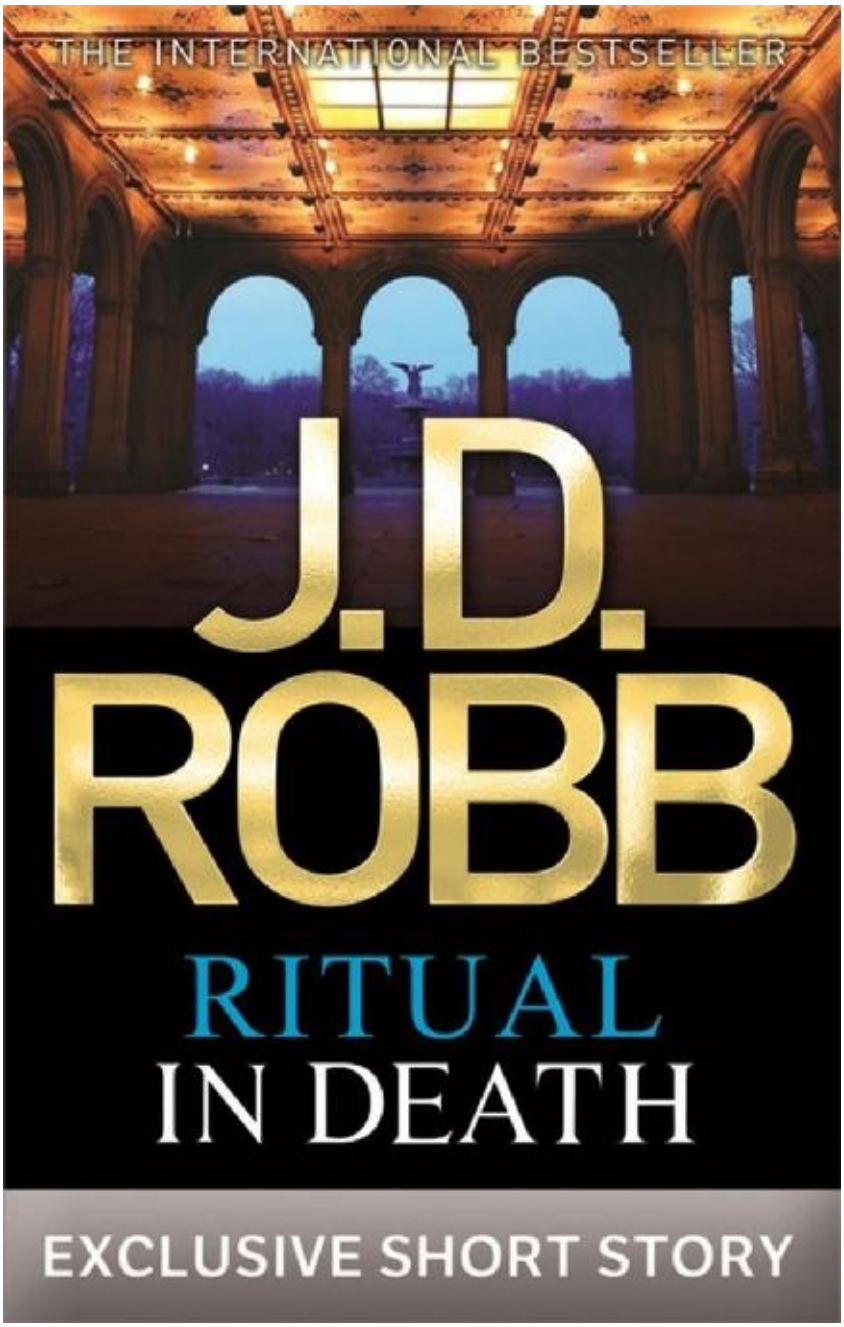


J. D. Robb

SÉRIE MORTAL

*Nudez Mortal*

*Glória Mortal*

*Eternidade Mortal*

*Êxtase Mortal*

*Cerimônia Mortal*

*Vingança Mortal*

*Natal Mortal*

*Conspiração Mortal*

*Lealdade Mortal*

*Testemunha Mortal*

*Julgamento Mortal*

*Traição Mortal*

*Sedução Mortal*

*Reencontro Mortal*

*Pureza Mortal*

*Retrato Mortal*

*Imitação Mortal*

*Dilema Mortal*

*Visão Mortal*

*Sobrevivência Mortal*

*Origem Mortal*

*Recordação Mortal*

*Assombração Mortal*

*Nascimento Mortal*

*Inocência Mortal*

*Criação Mortal*

*Eternidade Mortal*

*Estranheza Mortal*

*Salvação Mortal*

*Ritual Mortal*

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. RObb

Conto exclusivo

Suite 606 Antology:

“Ritual in Death”

# RITUAL

# MORTAL

Sinopse

*Arrastada para uma festa glamourosa e da alta sociedade com o marido bilionário Roarke, a tenente de homicídios Eve Dallas fica quase aliviada quando um homem nu segurando uma faca e encharcado de sangue aparece — um homem que acha que matou alguém.*

*Rastreando pegadas sangrentas, Eve encontra um quarto de hotel cheio de sinais de um ritual de assassinato, mas o homem não se lembra de nada. Determinado a ajudar, Roarke consulta uma ex-amante que pratica feitiçaria. Mas Eve sabe que não há nada de sobrenatural sobre uma paixão mortal pelo poder...*

EPÍGRAFE

Aos vivos, deve-se o respeito; aos mortos apenas a verdade.

—VOLTAIRE

A crença em uma fonte sobrenatural do mal não é necessária; o homem, por si só, é capaz de toda maldade.

—JOSEPH CONRAD

CAPÍTULO UM

s pés dela a estavam matando. E fez com que ela se imaginasse
O viajando de volta no tempo, caçando quem inventou os saltos altos
e dando uma surra nele.
Qual era o seu objetivo, além de deixar uma mulher sem equilíbrio,
tornando quase impossível correr e induzindo dores nos pés?
A pergunta ocupou a mente de Eve enquanto ela sintonizava a maior
parte da conversa da festa zumbindo em torno dela como um enxame de
zangões bêbados. E se um dos convidados desta festa enlouquecesse e. .
esfaqueasse alguém no olho com um garfo de camarão, por exemplo? Como
ela iria derrubá-lo vestida assim? E uma perseguição a pé nessas palafitas?
Esqueça isso.
Era uma droga de roupa para uma policial, na sua opinião. A coisa frágil
que era esse vestido deixava a maior parte dela exposta. E ela brilhava. Você
não poderia ter diamantes pendurados sobre você e se misturar.
Claro, você não poderia ir a nenhum tipo de evento extravagante com
Roarke e se misturar.
A única vantagem para os ridículos sapatos que ela podia ver era o fato
de que eles a impulsionavam para cima, então ela e Roarke ficavam olhos
nos olhos.
Eram olhos estupendos, audazes e brilhantemente azuis. Um olhar
deles poderia dar-lhe um formigamento na barriga, mesmo após quase dois

anos de casamento. O resto dele também não era ruim, ela refletiu. Seu cabelo de seda preta enquadrava um rosto de bilhões de dólares. Mesmo agora, enquanto ele olhava para ela, aquela esculpida e deliciosa boca se curvava em um sorriso lento e secreto.

Tudo o que ela tinha que fazer, Eve lembrou a si mesma, era tolerar os malditos sapatos mais algumas horas, então ela teria a boca — e o resto do pacote — para si mesma. Os peitos dos pés gritando provavelmente eram um pequeno preço a pagar.

— Querida. — Roarke pegou uma taça de champanhe do garçom passando e entregou a ela. Como a taça a qual ele havia pego ainda estava meio cheia, ela interpretou isso como um sinal para ela sintonizar novamente.

Tudo bem, ela pensou. Ela estava aqui como esposa de Roarke. Não era como se ele exigisse que ela agisse assim e fosse a festas incrivelmente chatas todos os dias da semana. Ele era tranquilo quanto a isso — e como o homem tinha mais dinheiro do que Deus e quase tanto poder quanto posição — o mínimo que ela podia fazer era desempenhar o papel quando eles faziam a coisa do casal público.

Sua anfitriã, uma tal de Maxia Carlyle, deslizava em algum tipo de cadência flutuante. A socialite rica estava — em suas próprias palavras — rondando por Nova York por alguns dias para reencontrar amigos. Todos

eles, Eve supôs, estavam vagando pela suíte expansiva do hotel de três níveis de Maxia, engolindo canapés e bebendo champanhe.

— Eu não tive um minuto para falar com você. — Maxia colocou a mão no braço de Roarke, inclinando o rosto para o dele.

Eles pareciam, Eve decidiu, como um anúncio para os ricos e os lindos.

— E como você esteve, Maxi?

— Oh, você sabe como. — Ela riu, encolhendo um ombro nu perfeito.

— Fazem cerca de quatro anos, não é, desde que nos vimos. Você nunca pareceu pousar no mesmo lugar ao mesmo tempo, então estou especialmente feliz que você pôde vir hoje à noite. E você — ela acrescentou com um sorriso espumante para Eve. — Eu estava esperando que eu tivesse a chance de conhecê-la. A Policial de Roarke.

— Na maioria das vezes o Departamento de Polícia de Nova York me considera deles.

— Não consigo imaginar isso. Como deve ser. Seu trabalho deve ser tão fascinante e excitante. Investigar assassinatos e assassinos.

— Tem seus momentos.

— Mais do que momentos, tenho certeza. Eu vejo você na televisão de vez em quando. O caso Icove em particular.

E esse caso não a perseguiria para sempre? Eve refletiu.

— Eu tenho que dizer que você não se parece com uma policial. — As

sobrancelhas perfeitas de Maxia se arquearam enquanto ela checava rapidamente o vestido de Eve. — Leonardo veste você, não é?

— Não, eu costumo fazer isso sozinha.

Roarke deu-lhe um pequeno puxão no cotovelo. — Uma velha amiga de Eve é casada com Leonardo. Eve muitas vezes veste coisas dele.

— Mavis Freestone é sua velha amiga? — Agora, além do interesse e da curiosidade, um calor considerável infundiu o rosto de Maxia. — Eu amo as músicas dela, mas minha sobrinha é uma grande fã. A levei para um dos shows de Mavis, em Londres, e arrumei um passe para os bastidores. Ela foi tão doce com a minha sobrinha e eu tenho sido a campeã incontestável das tias desde então.

Ela riu, tocando o braço de Eve. — Você tem uma vida fascinante. Casada com Roarke, sendo amiga de Mavis e Leonardo e perseguindo assassinos. Suponho que seja principalmente trabalho de cabeça, não é? Estudando provas, procurando pistas. Pessoas como eu glamorizam isso, pensando no trabalho da polícia do jeito que é na TV e nos filmes. Todo o perigo e a ação, perseguindo loucos em becos escuros e disparando sua arma, quando na realidade é cérebro e papelada.

— Sim. — Eve controlou o desejo de sorrir. — É bastante disso.

— Estar casada com Roarke deve ser ação suficiente. Você ainda é perigoso? — Maxia perguntou a ele.

— Domesticado. — Ele levantou a mão de Eve, beijando-a. — Inteiramente.

— Eu não acredito nisso por um minuto. Ah, ali está Anton. Preciso arrebatá-lo e trazê-lo para conhecer vocês.

Eve tomou uma longa, longa bebida de champanhe.

— Nós vamos encontrar este Anton, nos misturar outros vinte minutos — disse Roarke, a fraca sugestão da Irlanda em sua voz, — e escapar.

Eve sentiu um formigamento de alegria até os seus dedos adormecidos.

— Sério?

— Eu nunca pretendi ficar mais de uma hora. E certamente devo-lhe os pontos que estou fazendo por trazer uma policial de homicídio para a festa.

— É apenas papelada — disse Eve secamente.

Ele deslizou um dedo pelo seu braço, onde uma faca tinha cortado alguns dias antes. — Sim, seu trabalho não é nada além do tédio. Mas eu tenho que concordar com Maxi. Você não parece muito com uma policial esta noite.

— Que bom que eu não preciso perseguir nenhum psicopata. Eu cairia com esses sapatos estúpidos e me envergonharia. — Ela encolheu os dedos dos pés neles — ou tentou, enquanto passava uma mão no cabelo castanho

curto cortado em camadas que ela recentemente cortou com a tesoura por conta própria. Antigos diamantes valiosos pendiam de suas orelhas. — Eu não entendo festas como esta. Pessoas paradas ao redor. Conversa, conversa, conversa. Por que eles têm que ficar todos bem vestidos para fazer isso?

— Para se exibir.

Ela pensou sobre isso sob outro gole de vinho. — Eu acho que é isso.

Pelo menos eu não tenho que me preparar assim para a festa de Louise.

Ainda assim, outra festa. Mais conversa, conversa, conversa.

— É um ritual, afinal. Quando uma amiga está prestes a se casar, suas amigas se reúnem, com presentes e.. bem, eu não tenho ideia do que acontece depois.

— Se for algo como a minha, algumas bebem até que elas vomitam, e outras tiram a roupa e dançam.

— Uma pena que vou perder isso.

— Mentiroso. — Mas ela sorriu para ele.

— Aqui estamos nós! — Maxia voltou, rebocando um homem corpulento e com bigode perto dos sessenta anos. No braço dele, como uma videira branca, se retorcia uma mulher bem acanhada na casa dos trinta com lábios cheios e carnudos, com uma expressão aborrecida e um vestido vermelho curto que cobria muito pouco de seus seios expansivos.

— Vocês simplesmente devem conhecer Anton e sua adorável

companheira. É Satin, não é?

— Silk — corrigiu a loira entediada.

— Claro que é.

Eve captou o brilho rápido nos olhos de Maxia e entendeu que ela tinha confundido o nome deliberadamente. E gostou mais dela por isso.

— Na verdade, nos conhecemos alguns anos atrás. — Anton estendeu uma mão larga e rechonchuda. — Em Wimbledon.

— É bom te ver de novo. Minha esposa, Eve.

— Sim, a policial americana. Um prazer, detetive.

— Tenente. — Eve olhou para os sapatos altos de Silk. Apenas saltos, ela notou, com os pés arqueados neles no topo. — Ouvi sobre isso. — Ela apontou. — As pessoas estão realmente usando sapatos invisíveis.

— Eles não estão disponíveis ao público por mais três semanas. — Silk jogou seu longo cabelo. — Sookie puxou algumas cordinhas. — Ela encostou-se contra Anton/Sookie.

— Anton produziu vários filmes sobre crimes, a polícia e coisas assim — comentou Maxia. — Então eu achei que ele iria gostar de conhecer uma das Melhores de Nova York.

— Procedimentos de estilo britânico. — Anton apertou a mão de Silk enquanto ela o puxava como uma criança petulante. — O que gostamos de pensar como histórias policiais crepitantes, com muito sexo e violência —

ele acrescentou com uma risada. — E uma ligeira conexão com a realidade, como você saberia. Estive pensando em usar uma personagem americana, então eu. .

— Eu não vejo por que uma garota iria querer ser uma policial. — Silk franziu a testa para Eve. — Não é muito feminino.

— Mesmo? Que engraçado, porque não vejo por que uma garota iria querer ser uma bimbo...

— O que você faz? — Roarke cortou Eve suavemente, dando-lhe uma ligeira beliscada na bunda.

— Eu sou uma atriz. Acabei de interpretar um papel importante no próximo filme de Sookie.

— Vítima, certo? — Eve perguntou.

— Eu morro dramaticamente. Isso vai me tornar uma estrela, não é, Sookie?

— Absolutamente, querida.

— Eu quero ir embora. Não há nada acontecendo aqui. Eu quero ir dançar, ir em algum lugar com alguma ação. — Ela puxou o suficiente para puxar Anton para trás alguns passos.

— Ele costumava ser um homem sensato — murmurou Maxia.

— Os caras de certa idade são especialmente vulneráveis à bimboite. Maxia riu. — Estou tão feliz por gostar de você. Gostaria de não ter

que ir a Praga em alguns dias, então eu poderia conhecê-la melhor. Eu deveria me misturar, me certificar de que todos não estão tão aborrecidos quanto Linho.

— Eu acho que é Poliéster. Definitivamente fibras artificiais.

Rindo de novo, Maxia balançou a cabeça. — Sim, eu realmente gosto de você. E você. — Ela se levantou na ponta dos pés para beijar a bochecha de Roarke. — Você parece muito feliz.

— Eu sou. E estou muito feliz em vê-la novamente, Maxi.

Quando Maxia começou a se virar, a voz estridente de Silk gritou. — Mas eu quero ir agora. Eu quero me divertir. Esta festa está morta.

Alguém gritou. Algo quebrou. Enquanto as pessoas tropeçavam para trás, enquanto alguns se viravam, empurrando através de outros, Eve empurrou-se para frente.

O homem cambaleava como um bêbado e não usava mais que salpicos e manchas de sangue. Uma faca brilhando estava apertada em sua mão.

Uma mulher em seu caminho desmaiou e conseguiu levar um garçom segurando uma bandeja cheia de canapés com ela. À medida que as bolinhas de camarão e os ovos de codorna choviam, Silk gritou, virou-se, e em uma arrancada para o terraço se jogou sobre os hóspedes como pinos em uma pista.

Eve abriu a bolsa quase inútil que ela carregava, atirando-a para

Roarke enquanto tirava a arma.

— Largue. Largue agora. — Ela o analisou rapidamente. Cerca de um metro e setenta, mais ou menos um e sessenta e cinco. Caucasiano, cabelos castanhos. E os olhos estavam vidrados. Choque ou drogas — talvez ambos.

— Largue — ela repetiu quando ele deu outro passo titubeante para a frente. — Ou eu derrubo você.

— O quê? — Seu olhar deslizou pela sala. — O quê? O que é isso?

Ela considerou e rejeitou derrubá-lo em questão de segundos. Em vez disso, ela se moveu para ele e segurou o pulso da mão da faca, torcendo. — Larga a maldita faca.

Seus olhos encararam os dela enquanto seus dedos ficavam moles. Ela ouviu a faca golpear o chão. — Ninguém toca nela. Fiquem para trás. Eu sou da polícia, você entende isso? Eu sou uma policial. O que você estava fazendo?

— Eu não sei. Eu não sei. A polícia? Você pode me ajudar? Acho que matei alguém. Você pode me ajudar?

— Sim. Pode apostar. Roarke, eu preciso de um kit de campo o mais rápido possível e que você providencie isso. Preciso de todos os outros lá em cima por enquanto. Eu preciso que vocês saiam deste espaço até que a situação esteja contida. Movam-se! — ela gritou quando as pessoas continuaram de pé, boquiabertas. — E alguém verifica aquela mulher

deitada nas bolinhas de camarão ali.

Roarke pisou ao lado dela. — Enviei uma das equipes do hotel até a garagem para pegar o kit de campo da mala do carro — ele disse. — Eu notifiquei sua Central.

— Obrigada. — Ela ficou onde estava enquanto o invasor de festas nu se sentava no chão e começava a estremecer. — Apenas lembre-se, foi você quem queria vir esta noite.

Com um aceno de cabeça, Roarke plantou um pé no punho da faca para protegê-la. — Ninguém é culpado além de mim mesmo.

— Você consegue tirar meu gravador dessa bolsa estúpida?

— Você trouxe um gravador?

— Se você precisar de uma arma, você vai precisar do gravador.

Quando ele entregou para ela, Eve fixou-o no material espumoso sobre seus seios, enganchando-o. Depois de recitar o básico, ela se agachou. — Quem você acha que matou?

— Eu não sei.

— Qual o seu nome?

— Está... — Ele ergueu uma mão manchada de sangue, esfregando-a sobre o rosto. — Não consigo pensar. Não consigo lembrar. Não consigo pensar.

— Diga-me o que você tomou.

— Tomou?

— Drogas. Ilegais.

— Eu. . eu não tomo drogas ilegais. Tomo? Há tanto sangue. — Ele ergueu as mãos, olhando para elas. — Você vê todo esse sangue?

— Sim. — Ela olhou para Roarke. — Está fresco. Eu vou precisar olhar cômodo por cômodo, começando com este andar. Ele não poderia ter andado por muito tempo assim. Começaremos com este andar.

— Eu posso arranjar isso. Você quer que a segurança comece com isso, ou que fiquem de olho nele enquanto você olha os cômodos?

— Fiquem de olho nele. Eu não quero que eles falem com ele, toquem nele. Que cômodo é aquele ali?

— Seria um quarto de empregada.

— Esse vai servir.

— Eve — disse Roarke enquanto ela se levantava. — Eu não vejo feridas nele. Se esse sangue é de outra pessoa, esse tanto de sangue, a pessoa não pode estar viva.

— Não, mas primeiro vamos olhar cômodo por cômodo.

CAPÍTULO DOIS

la precisava se mover rápido. A quantidade de sangue em seu cara
E nu tornava duvidoso que ela encontrasse alguém vivo — se ela encontrasse alguém — então ela não podia perder muito tempo. Embora

não gostasse muito de deixar seu suspeito com a segurança do hotel, mesmo depois dela pegar algemas de seu kit de campo, ela não podia se dar ao luxo de esperar por seu apoio uniformizado ou sua parceira.

Por falta de um jeito melhor, ela colocou seu suspeito no chão do quarto da empregada e pegou suas impressões digitais.

— Jackson Pike. — Ela se agachou em seu nível, olhando em seus olhos castanhos vidrados. — Jack?

— O quê?

— O que aconteceu, Jack?

— Eu não. . — Ele olhou ao redor da sala, atordoado e desorientado.

— Eu não. . — Então ele gemeu com dor e agarrou sua cabeça.

— Oficiais uniformizados estão a caminho — ela disse para os dois seguranças quando ela se endireitou. — Eu quero-o exatamente onde o deixei e as pessoas lá em cima contidas até eu voltar. Ninguém entra, exceto os oficiais da Polícia de Nova York. Ninguém sai. Vamos nos mexer — ela disse a Roarke.

— O cara é um médico — ela continuou quando eles passaram pela porta. — Trinta e três anos. Solteiro.

— Ele não andou pelas ruas assim.

— Não. É seu hotel. Descubra se um Jackson Pike, ou qualquer pessoa com uma variação desse nome está registrado. Como está arranjado este

andar?

Roarke pegou o *tele-link* dele enquanto gesticulava. — Quatro triplex, um em cada canto. Um minuto.

Enquanto falava com o gerente do hotel, Eve virou à esquerda. — Bem, ele deixou uma trilha. Isso é útil. — Movendo-se rapidamente, ela seguiu as pegadas sangrentas sobre o tapete exuberante.

— Nenhum Jackson Pike, ou nenhum Pike, a propósito — Roarke disse a ela. — Há um Carl Jackson, de trinta e dois anos. Eles estão verificando. Neste andar, Maxia está no 600. O 602 está ocupado por Domingo Fellini, um ator... eu o vi na festa.

— Pike não veio de lá, a trilha é por este caminho. — Ela pegou o ritmo enquanto caminhavam pelo longo corredor. — É o sexagésimo andar. Por que não é 6002?

— O sexto andar é a academia de ginástica, a piscina, e assim por diante. Não há quartos de hóspedes. Os triplex atendem a quem pode pagar os custos e os contabilizamos como coberturas ou apartamentos. Então é a Suíte 600. Percepção.

— Sim, sua percepção está bem ferrada com todo esse sangue em seu tapete. Alguém no 604?

— Não essa noite.

— Uma suíte vazia é um bom local para um assassinato sangrento, mas

a trilha desviou. — Ela continuou se movendo, sua arma em sua mão, seus olhos escaneando. — Cada suíte tem um elevador privado como a Suíte 600?

— Elas têm, sim. Aqueles elevadores no centro do térreo também são privados, de modo que você precisa de um cartão-chave ou liberação para entrar neles.

Saídas de emergência em todos os quatro cantos, ela observou, através das escadas. Mas Jackson Pike não as usou. Sua trilha levava direto para as portas duplas esculpidas da Suíte 606.

Eve viu a fraca mancha de sangue sobre o zero ornamentado.

Suíte 666, ela pensou. Não era simplesmente perfeito?

Ela indicou para Roarke ficar atrás, então testou a maçaneta.

— Trancada. Eu não estou com minha chave mestre.

— Sorte sua que você tem a mim. — Ele tirou uma minúscula ferramenta do bolso.

— Prático, mas você já considerou como uma policial deveria explicar, se viesse à tona, por que o seu marido tem ferramentas de roubo em seus bolsos?

— Para emergências sangrentas? — Ele se endireitou. — Está destrancada.

— Eu suponho que você não esteja armado.

Ele lhe deu uma olhada, seus olhos muito divertidos. — Como eu não

achava necessário trazer uma arma para um coquetel, consegui isso com a segurança. — Ele pegou um taser. — Uma arma civil. Perfeitamente legal.

— Humm. No três.

Não era a primeira vez deles a atravessar uma porta. Ela se abaixou, ele entrou no alto em uma grande sala iluminada por centenas de velas. Sangue brilhava na luz cintilante sobre o pentagrama preto desenhado no chão de mármore polido.

Um corpo flutuava naquela piscina, os braços e as pernas espalhadas para formar um X no centro do símbolo.

Morta, Eve pensou, exsanguinada. Garganta cortada, múltiplas feridas no corpo. Ela balançou a cabeça para Roarke e gesticulou para a esquerda. Ela moveu para a direita, para uma suíte semelhante à de Maxia.

Girando sua arma, ela analisou uma sala de jantar, um corredor curto, uma cozinha, um banheiro, fazendo um círculo que a trouxe de volta a Roarke.

— Cama e banheiro limpos neste andar — ele disse a ela. — Ambos foram usados. Há sangue considerável.. esfregaços, não salpicos. Dela, eu imagino.

Ele não era um policial, ela pensou, mas ele poderia pensar como um.

— Vamos lá para cima. — Ela apontou com o queixo em direção ao elevador e tentou ignorar o mau cheiro — não apenas de morte, mas uma espécie de queima no ar. — Você pode trancá-lo? Desativá-lo?

Não dizendo nada, ele caminhou até ela e pegou a ferramenta novamente. Enquanto ele trabalhava, Eve circundou o pentagrama para ir para a varanda.

— Feito.

— Qual o layout no segundo andar?

— Cama e banheiro, pequena sala de estar à esquerda. Suíte Master com sala de estar, banheiro, área de vestir, cama e banho à direita.

— Vou tomar a direita.

O lugar parecia vazio, ela pensou. Parecia morto. O cheiro metálico do sangue, a doçura doce e doentia da morte, misturada com cera de vela, manchava o ar. E algo mais, aquela queima e uma espécie de. . pulsar, ela pensou. Gasto de energia, as sombras dela ainda pulsando.

Juntos, eles analisaram o segundo andar, depois o terceiro.

Ela encontrou evidências de frenesi sexual, de comida, de bebida, de assassinato. — Os peritos passarão horas aqui, se não dias.

Roarke estudou as taças, pratos, comidas meio comidas. — Que tipo de pessoa mata e deixa muito de si mesmo para trás?

— O tipo que pensa que está além ou acima da lei. O pior tipo. Eu preciso selar este lugar, todos os três andares, até a perícia chegar aqui. Quem foi registrado nesta suíte?

— O Grupo Asant. — Nos degraus, ele encarou o corpo colocado no

pentagrama. — Embaralhe as letras e você tem...

— Satan. Deus, eu odeio esse tipo de merda. As pessoas querem adorar o diabo, fiquem à vontade. Caramba, eles podem implantar chifres cirurgicamente na testa se quiserem. Mas então eles simplesmente conseguem retalhar alguém para sacrifício humano e me arrastam para dentro disso.

— Malditos atrevidos.

— Eu que o diga.

— Jack Nu não fez isso por conta própria.

— Não. Vamos ver se sua memória está um pouco mais clara.

Os policiais tinham assumido. Eve dirigiu-os para pegar nomes e informações de contato dos convidados, e depois liberá-los.

Ela sentou no chão com Jackson. — Eu preciso de uma amostra do sangue que você está coberto, Jack.

— Há muito dele. — Seu corpo estremeceu por alguns segundos, como se de surpresa. — Não é meu.

— Não. — Ela pegou várias amostras — rosto, braços, peito, costas, pés. — O que você estava fazendo na 606?

— O quê?

— Suíte 606. Você estava lá.

— Eu não sei. Eu estava?

— Quem é a mulher?

— Havia muitas mulheres, não era? — Novamente ele estremeceu de dor. — Você estava lá? Sabe o que aconteceu?

— Olhe para mim, cacete. — Sua voz foi como uma bofetada, girando-o de volta para ela. — Há uma mulher no 606. Sua garganta está cortada.

— Eu fiz isso? Eu machuquei alguém? — Ele pressionou a testa nos joelhos. — Minha cabeça. Minha cabeça. Alguém está gritando na minha cabeça.

— Você pertence ao Grupo Asant?

— Eu não sei. O que é isso? Eu não sei. Quem é você? O que está acontecendo?

Com uma sacudida da cabeça, Eve levantou-se quando os médicos que ela solicitou entraram. — Eu quero que ele seja examinado. Eu quero uma amostra de sangue. Preciso saber o que ele usou. Quando terminarem, ele será transportado para a Central de Polícia.

— De quem é o sangue?

— É tarde demais para ela. — Ela voltou para a sala de estar para deixá-los com isso enquanto sua parceira vinha pela porta principal.

O cabelo de Peabody estava puxado para trás em um pequeno rabo de cavalo que deixava seu rosto quadrado emoldurado e parecia ampliar seus olhos castanhos. Ela usava calças escuras largas e uma camiseta branca com

uma jaqueta vermelha jogada sobre ela. Ela carregava um kit de campo.

— Quem morreu?

— Uma mulher ainda não identificada. O suspeito principal está ali. — Eve indicou com a cabeça. — Nu e coberto com o que é mais provável que seja o sangue dela.

— Uau. Deve ter sido uma baita festa.

— Aconteceu em outro lugar. Vamos trabalhar na cena.

Fora das portas do 606, elas cobriram as mãos e os pés com spray selante, enquanto Eve dava a Peabody um relato completo.

— Ele simplesmente entrou no coquetel? E não lembrava de nada?

— Sim e continua assim. Ele não parece estar fingindo. Ambas as pupilas estão grandes como a lua. Ele está desorientado, as habilidades motoras estão desordenadas e ele parece ter uma grande dor de cabeça.

— Chapado?

— Seria meu primeiro palpite, mas veremos o que os médicos têm a dizer sobre isso. — Eve tirou o selo da porta e agora usou a chave que Roarke havia adquirido para ela.

Quando ela entrou, a robusta Peabody empalideceu. — Cara. Oh, merda. — Ela inclinou-se sobre a cintura, apertou as mãos nas coxas e tomou longas e lentas respirações.

— Não vomite na minha cena de crime.

— Só preciso de um minuto. Ok. — Ela continuou a respirar. — Ok. Magia negra. Feitiçaria do mau.

— Não comece com essa merda. Nós temos um monte de idiotas que fizeram uma orgia, terminando com um ritual de assassinato usando Satanás como uma desculpa. Usaram o elevador privado — Eve adicionou, gesticulando para ele, — provavelmente para ir e vir. Nós queremos os discos de segurança dele. Limparam depois que fizeram isso. Há evidência disso nos banheiros, os quais há seis neste lugar. As camas mostram sinais de uso, e comidas e bebidas foram consumidos. Como duvido que o pentagrama faça parte da decoração original da sala, alguém o desenhou no chão. A pergunta pode ser "Porquê?" Por que usar uma suíte de hotel sofisticada e caríssima para sua reunião anual satânica?

— Vamos pegar suas impressões digitais, obter uma identificação e uma hora da morte. — Como Peabody ainda parecia pálida, Eve optou por ela mesma analisar o corpo. — Faça uma pesquisa sobre Jackson Pike. Suas impressões surgiram com a idade de trinta e três anos, e um endereço na Rua Oitenta e Oito Oeste. Ele é um médico. Veja se ele tem uma ficha.

Eve foi até o corpo, fazendo o que podia para evitar o sangue. Não para preservar os sapatos, mas a cena. O ar esfriou, provocando arrepios em seus braços, e mais uma vez ela sentiu o pulsar.

Ela levantou a mão da vítima para o Identi-pad, escaneando as

impressões digitais.

— Ava Marsterson, vinte e seis anos, solteira. Mulher de raça mista com um endereço em Amsterdã. Trabalhava como gerente de escritório na Clínica de Saúde West Side.

Eve inclinou a cabeça para a tatuagem — uma serpente vermelha e dourada engolindo sua própria cauda — que circundava seu quadril esquerdo. — Ela tem uma tatuagem no quadril e não está listada em sua identificação. Talvez uma temporária, ou talvez seja recente.

Ela pegou seu medidor. — Hora da morte, 22:10. Isso é quase uma hora antes de Pike ter invadido a festa. — Ela guardou o medidor e estudou o corpo. — A garganta da vítima foi profundamente cortada, no que parece ser um único golpe com uma lâmina afiada, do lado direito ao esquerdo e ligeiramente para baixo. Um atacante destro, de frente. Ele queria ver seu rosto quando ele cortou você. Feridas múltiplas, cortes, feridas de facada sobre os ombros, torso, abdômen e pernas. Vários tamanhos e profundidades. Várias lâminas em várias mãos? A vítima foi pousada, os braços e as pernas espalhados no centro de um pentagrama preto desenhado diretamente no chão. Hematomas nas coxas. Possível estupro ou sexo consensual, o médico legista vai determinar. Sem feridas defensivas. Você não lutou, Ava? Eles simplesmente derrubaram você cortando sua garganta e depois fizeram uma festa em você? Exame toxicológico para determinar a

presença de álcool e/ou drogas.

Ao baterem na porta, Eve chamou Peabody.

— Eu atendo. — Peabody atendeu, usando a corrente de segurança. — São os peritos.

Em poucos minutos, o local estava cheio de ruído, movimento, equipamentos e ficou de certa forma mais limpo com o cheiro de substâncias químicas. Quando a equipe do necrotério apareceu, Eve afastou-se do corpo.

— Ava Marsterson. Ensaquem e etiquetem. Peabody, comigo.

Pesquise sobre este Grupo Asant — ela ordenou. — Nós vamos arrancar o que pudermos de Pike.

— Devia haver pelo menos uma dúzia de pessoas lá, Dallas. Doze, quinze pessoas pelo número de bandejas e copos. Por que vir aqui para fazer isso? Não se pode encobrir isso dessa maneira, e ei, descer para uma festa ao mesmo tempo com uma policial lá. Por sinal, você parece totalmente *mag*. Os sapatos são de matar.

Eve franziu a testa para os sapatos que ela tinha esquecido de que estava usando. — Merda, merda. Eu tenho que ir para a Central nessa roupa.

— Ela também tinha, ela percebeu, esquecido de Roarke.

Ele estava inclinado contra a parede, ao lado da suíte de Maxia, fazendo algo que o entretinha ou o interessava em seu tablet. E olhou para cima enquanto ela se aproximava.

— Desculpa. Eu deveria ter dito para você ir para casa.

— Eu assumi que você gostaria do código do carro, pois não é um dos seus. Está na garagem. Olá, Peabody.

— Ei. Vocês estão ótimos. É realmente uma pena que a noite tenha sido estragada para vocês.

— Foi mais estragada para Ava Marsterson — Eve comentou. — E Maxia?

— Tomou um tranquilizante e foi para a cama. Eu vou para casa. — Ele pegou o queixo de Eve em sua mão, deslizou o polegar para sua covinha e depois a beijou. Ele entregou-lhe um mini cubo de anotações. — O código está nele. Se cuide, tenente. Boa noite, Peabody.

Peabody o observou se afastar. — Cara, às vezes você só quer sugá-lo sem um canudo. — Ela dirigiu os olhos para Eve. — Eu disse isso em voz alta?

CAPÍTULO três

gradecida que ela manteve algumas roupas de ginástica em seu A armário, Eve tirou o vestido de festa, tirou os pés doloridos dos sapatos detestáveis, depois vestiu calças de algodão soltas e uma camiseta cinza desbotada. Já que ela não podia andar pela Central ou intimidar com sucesso um suspeito coberta em diamantes, ela não teve escolha além de guardá-los em seu armário.

Seguro o suficiente, ela pensou. Se tinham levado uma barrinha de chocolate, as chances eram menores de que suas coisas estariam lá quando ela abrisse o armário. Mas uma fortuna pequena, provavelmente não tão pequena, em diamantes, não haveria problema.

Depois de calçar um antigo par de tênis, ela encontrou Peabody no corredor.

— Nada criminoso. Nada, Dallas. Ele foi detido e liberado por perturbar a paz quando ele tinha vinte anos. Uma festa de fraternidade da faculdade. Não ficaria em seu registro, exceto que os policiais do campus puniram toda a fraternidade por causa disso. Ele é da Pensilvânia, mudou-se para aqui algumas semanas atrás. Ele é um médico, praticamente recém-formado, e acabou de ocupar uma posição na equipe da..

— Clínica de Saúde West Side.

— É irritante fazer uma investigação se eu não consigo uma resposta.

Sala de Entrevistas A. Eles o limparam.

— A vítima? — Eve perguntou enquanto caminhavam.

— Limpa ao nível irritável. Mudou-se para Nova York cerca de dois anos atrás vindo de Indiana. Ambos os pais e o irmão mais novo ainda estão lá. Teremos que notificá-los.

— Vamos pegar Pike primeiro. Eles podem esperar algumas horas para que suas vidas sejam destruídas. — Ela abriu a porta para a sala de

interrogatório, assentindo com a cabeça para o policial uniformizado. O policial saiu, e Eve caminhou até a mesa, onde Jack estava sentado em calças e camisa laranja. — Ligar gravador. Tenente Eve Dallas e detetive Delia Peabody interrogando Jackson Pike sobre a investigação sobre a morte de Ava Marsterson.

— Ava? — Jack olhou para cima, seu rosto enrugado como se ele lutasse com o nome. — Ava?

— Isso mesmo, Ava. Seus direitos foram lidos, correto Sr. Pike?

— Ah, eu não sei.

— Então, vamos atualizar você. — Eve recitou seus direitos. — Você entende seus direitos e obrigações?

— Eu acho que sim. Sim. Por quê? Por que estou aqui?

— Você não lembra?

— Minha cabeça. — Ele pressionou as duas mãos em suas têmporas.

— Eu estive em um acidente? Minha cabeça dói.

— O que você lembra sobre hoje?

— Eu. . eu fui para o trabalho. Não fui? Que dia é hoje? É terça-feira?

— É quarta-feira.

— Mas... — Jack olhou para ela. — O que aconteceu na terça-feira?

— Que drogas você usou, Jack?

— Eu não. . eu não uso drogas. Eu não uso drogas ilegais. Eu sou um

médico. Eu estou na equipe da. . — Ele segurou a cabeça novamente e balançou. — Onde? Onde?

— Clínica de Saúde West Side.

Ele olhou para Eve, seus olhos e seu rosto cheios de alívio. — Sim. Sim. É isso aí. Eu acabei de começar lá. Eu fui para o trabalho. Eu fui trabalhar, e então... — Ele gemeu, estremecendo. — Por favor, posso tomar um analgésico? A minha cabeça está martelando.

— Você tomou alguma coisa, Jack. Não posso te dar um analgésico até que eu saiba o que foi. Você foi ao Hotel Palace com Ava? Para a suíte 606?

— Ava.. Não posso. . Ava trabalha na clínica. — Suor brilhava em seu rosto pelo esforço. — Ava gerencia. . Ava. Nós.. — Então o horror o cobriu.

— Não. Não. Não.

— O que aconteceu com Ava, Jack?

— Não. Não.

— O que aconteceu no 606?

— Eu não sei. Eu não...

— Pare! — Ela o alcançou, agarrando um punhado de sua camisa. — Me diga o que aconteceu.

— Não é real. Não aconteceu.

— O que não é real?

— As pessoas, as pessoas. — Ele se levantou e Eve sinalizou para

Peabody ficar para trás. — As luzes. As vozes. Fumaça e fogo. E veio o inferno. — Ele percorreu a sala de interrogatório, segurando a cabeça. Lágrimas escorreram de seus olhos. — Rindo. Gritando. Não pude parar. Eu queria parar? Nós fizemos sexo. Não. Sim. Eu não sei. Corpos, mãos e bocas. Eles a machucaram. Eu a machuquei? Mas ela estava sorrindo, sorrindo para mim. E então seu sangue.

Suas mãos esfregaram seu rosto como se o estivesse limpando. — Seu sangue. Em cima de mim.

Seus olhos rolaram para cima em sua cabeça. Peabody conseguiu aparar o pior de sua queda, descendo com ele. — Jesus, Dallas, de jeito nenhum esse cara está fingindo.

— Não. Vamos levá-lo para uma cela. Eu quero ele em supervisão suicida. Eu quero olhos nele. — Ela caminhou até a porta ao ouvir uma batida.

— Examinamos seu suspeito, tenente. Eles disseram que você queria o mais rápido possível.

— Obrigada. — Ela pegou o relatório de um técnico, analisando-o. — Jesus, o que esse cara não tem nele? Erótica, Coelho Louco, Zoner, Jive, Lucy.

— Soneca, Dunga e Doutor — concluiu Peabody. Então encolheu os ombros com a expressão de Eve. — Piada ruim. Não admira que sua cabeça

esteja gritando. Tomar um coquetel desse deve tê-lo arrasado.

— Coloque-o em uma cela, faça que um médico o trate. Ele já teve o suficiente por uma noite.

— Ele não parece com alguém que poderia fazer o que foi feito a essa mulher esta noite.

— Com esse tanto de porcarias dentro dele, não se sabe o que ele poderia fazer. Mas ele não é um usuário regular. De jeito nenhum ele poderia ser regular com esse tipo de hábito e não ter um único estalo.

Eve voltou ao seu escritório. Dois policiais levavam uma mulher chorando na direção oposta. Do lado de fora da sala de ocorrências, um sujeito vestindo uma camisa rasgada e sangrenta estava sentado rindo silenciosamente para si mesmo enquanto ele sacudia as algemas que o acorrentavam no assento.

Ela passou pela sala de ocorrências enquanto ele voltava a rir. Em seu escritório, ela clicou no AutoChef para pegar café primeiro, depois sentou-se em sua mesa. Ela engoliu cafeína enquanto ela inicializava os discos de segurança do hotel.

Ela analisou o check-in VIP primeiro, a elaborada sala reservada para convidados nas suítes elegantes e os triplex. Ela ordenou que o computador se coordenasse com o tempo marcado no check-in do Grupo Asant. E assistiu a sala de estar borrada em estática branca. Ela retrocedeu, notou

que a falha começou trinta minutos antes da entrada deles e continuou até às vinte e três horas.

O padrão repetiu quando ela rodou os discos de segurança do elevador privado e novamente quando ela rodou os discos do lobby principal.

— Filhos da puta. — Ela se virou para o *tele-link* de seu escritório. — Peabody, acorde seu coabitante. Preciso de McNab aqui para cavar nos discos de segurança. Eles foram apagados.

Se o garoto genial da Divisão de Detetives Eletrônicos não pudesse escavar dados, ela tinha alguém que poderia. Ela contatou Roarke.

— Por que você está acordado? — ela exigiu quando sua tela de *tele-link* o mostrou na mesa dele.

— Por que você está?

— Oh, apenas uma pequena coisa sobre um ritual de assassinato. Eu achei que você gostaria de saber que todos os discos de segurança do seu hotel estão comprometidos. Não há nada além de estática em todos os trinta minutos antes do início da entrada do grupo Asant.

— Você está trazendo-os para mim ou eu vou até você?

— Eu chamei McNab, mas. .

— Estou a caminho.

— Espera. Escuta, me traga roupas de trabalho, certo? E meu coldre de armas e...

— Eu sei o que você precisa.

Sua tela ficou preta. Irritado, ela pensou, e não podia culpá-lo. Ela imaginou que algumas cabeças rolariam no Palácio de Roarke e em breve. Mas, enquanto isso, ela tinha discos inúteis em suas mãos, um suspeito com apagões de memória induzidos por drogas e um corpo mutilado no necrotério.

E ainda era o começo da madrugada.

Ela abriu seu registro de assassinatos, montando seu quadro. De acordo com os registros do hotel, o Grupo Asant havia reservado o triplex dois meses antes e o pagou com um cartão de crédito sob o nome de Josef Bellor, que tinha um endereço em Budapeste.

Ela alimentou os dados em seu computador, ordenando uma busca padrão. Só para descobrir que Josef Bellor de Budapeste morreu cinco anos antes com cento e vinte e um anos.

— Será difícil pressioná-lo para que ele pague a conta — ela murmurou.

Uma reserva de uma noite, ela pensou, passando as anotações. Todo o serviço de quarto entregue através dos AutoChefs da suíte ou pré-requisitado e entregue antes do check-in. Cinco garrafas de vinho, vários quilos de vários queijos europeus, pães extravagantes, caviar, patês e bolos de creme.

Não havia motivo para realizar um ritual de assassinato com o estômago vazio.

Então eles comeram, beberam, fizeram orgias, ela pensou, levantando para andar pelo pequeno espaço de seu escritório. Usaram quaisquer drogas ilegais que se adequaram à sua fantasia. Três andares de folia, paredes a prova de som com os bloqueios de privacidade ativados.

E guardaram o melhor para o final, ela decidiu. O sacrifício deve ter sido o auge da noite.

Como uma boa garota de Indiana acabou como a estrela do show?

Como um jovem médico vindo da Pensilvânia foi convidado e deixado para trás? — Tenente.

Ela se virou para um McNab com olhos sonolentos na entrada da porta. Ele usava calças de um amarelo gritante que combinavam com os pontos do tamanho de punhos que gritavam sobre uma camisa verde de rasgar os olhos. Seu longo cabelo loiro foi puxado para trás de seu rosto magro e bonito em uma trança. Ela se perguntou se a trança de algum modo equilibrava o peso do emaranhado de aros de prata em sua orelha.

— Não lhe dá dor de cabeça? — ela perguntou. — Se olhar no espelho.

— Hã?

— Deixa para lá. Discos. — Ela os recolheu da mesa, empurrando-os para eles. — Encontre algo neles. Roarke está a caminho.

— Ok. Por quê?

— Eles são discos dele. Da segurança do Hotel Palace. Já escrevi um relatório para a sua unidade na DDE. Leia, trabalhe. Me consiga algo.

Ele sufocou um bocejo, então focou em seu quadro. — É a vítima?

Eve apenas assentiu e não disse nada quando ele aproximou para estudar o quadro. Ele trabalharia mais e melhor, ela sabia, se ele fosse instigado. — Isso é fodido — ele disse. — Isso é seriamente fodido. E deve haver mais de um assassino. — Ele colocou os discos em um dos bolsos de suas calças. — Se houver uma imagem neles, nós conseguiremos.

Se não houvesse imagens, ela pensou quando McNab partiu, isso significava que a segurança havia sido comprometida no local. Sabendo com quanta força qualquer navio da frota expansiva de Roarke corria, isso teria que ter precisado de alguma feitiçaria de verdade.

Ela se virou para o *tele-link* dela com a ideia de avisar a Roarke no caminho. E então ele entrou em seu escritório.

— Isso foi rápido.

— Estou com pressa. — Ele colocou uma bolsa na cadeira de visitantes.

— Onde estão os discos?

— Eu acabei de passar para McNab. Espere. — Ela estendeu uma mão quando ele se virou. — Se a segurança foi violada no local, como poderia ser feito? — Eu não saberei até ver os discos, não é?

— Fique puto mais tarde. Como poderia ser feito?

Ele fez um esforço óbvio para se acalmar, depois caminhou até o AutoChef para programar café para si mesmo. — Teria que ser através da segurança ou um equipamento eletrônico, e um dos melhores níveis. Provavelmente ambos, trabalhando em conjunto. Ninguém nesse nível consideraria um suborno de qualquer tipo que valesse a sua posição.

— Ameaça, chantagem?

— Tudo é possível, é claro, mas é duvidoso. Seria mais vantajoso vir até mim com o problema do que contornar a segurança.

— Eu precisarei de nomes, a propósito.

Ele colocou o café de lado, pegando o tablet. Depois de um momento de digitar, ele acenou com a cabeça para sua máquina. — Agora você os tem. E se alguém do meu pessoal fizer parte do que aconteceu com aquela garota, eu quero saber quando você souber.

Ele saiu, sua fúria mal contida deixando um pedaço de energia para trás. Eve soltou um suspiro e, como ele esqueceu seu café, ela o pegou e bebeu ela mesma.

CAPÍTULO quatro

mbora não tivesse dúvida que o processo de análise de Roarke era E mais rigoroso do que o do Pentágono, ela investigou os nomes que ele lhe dera. Todos estavam limpos. Se, ela decidiu, a função da DDE era

descobrir quem burlou a segurança no local, ela investigaria seus cônjuges, quando aplicável, e familiares.

Mas agora ela não podia mais adiar informar os parentes mais próximos.

Demorou, Eve pensou quando terminou, menos de trinta segundos para destruir o mundo de duas pessoas comuns, com vidas comuns. Mais tempo, ela refletiu quando ela voltou para seu quadro, do que levou para cortarem a garganta de Ava Marsterson, para que seu cérebro processasse o insulto. Mas não muito. Não muito mais.

Ela esfregou as palmas das suas mãos sobre seus olhos arenosos com fadiga, depois verificou a hora. Duas horas para que ela pudesse ir ao laboratório para obter quaisquer resultados ou ir ao necrotério para o mesmo na autópsia da vítima.

Tempo suficiente para um banho para clarear a cabeça antes de importunar a DDE. Ela pegou a bolsa que Roarke deixara para ela.

— Tire duas horas de sono — ela ordenou a Peabody quando ela voltou para a sala de ocorrências. — Eu vou tomar um banho.

— Ok. Eu fiz uma busca sobre o Grupo Asant de todos os ângulos possíveis. Ele não existe.

— É apenas um disfarce.

— Então eu tentei uma busca por feriados ocultos ou datas importantes

que coordenam com hoje. . ou ontem, agora. Nada.

— Bem, esse foi um bom pensamento. Valeu a pena tentar. Foi uma maldita festa, com certeza. Talvez eles não precisem de uma ocasião. Não, não — Eve se corrigiu. — Foi muito elaborado, planejado com muita antecedência para ser apenas para o inferno.

— Para o inferno. Há-há. Deus. — Peabody esfregou os olhos. — Preciso dessas duas horas de descanso.

— Use-as agora. São as últimas que você verá na parte de trás de suas pálpebras por um tempo.

Ela se dirigiu para os chuveiros. No vestiário, ela verificou o conteúdo da bolsa, observando que Roarke não esqueceu de nada. Roupa íntima, botas, calças, blusa, jaqueta, coldre de armas, sua carteira, comunicador, algemas, gravador extra, tablet e dinheiro. Mais do que ela costumava carregar no trabalho. Ela colocou tudo no armário dela, pegou uma toalha e depois envolveu-se nela assim que ela tirou a roupa.

Na cabine de banho miserável, ela ordenou que a água atingisse 38 graus. Ela saiu com um pingo minguante e morno, então ela fechou os olhos e fingiu estar em casa, onde o banheiro exibia múltiplos e generosos jatos que cobriam o corpo com um calor glorioso. Então girou ao redor, molhando-se, quando seus instintos tiniram ao ver Roarke parado na abertura estreita, com as mãos nos bolsos.

— Se isso é o melhor que o Departamento de Polícia de Nova York oferece, não é de admirar que você seja propensa a uma hora de chuveiro em casa.

— O que há de errado com você? Feche a porta. Qualquer um poderia entrar aqui.

— Eu tranquei a porta, o que você negligenciou de fazer.

— Porque os policiais não são propensos a espreitar enquanto outro policial está no maldito banho. O que você está fazendo?

— Tirando a roupa para que não se molhem. Esse é o procedimento usual.

— Você não pode entrar aqui. — Ela apontou um dedo para ele quando ele colocou a camisa sobre um banco. — Pare com isso. Há pouco espaço para mim. Além disso...

— A segurança foi violada no local. Vai ser um dia muito longo. Quero um banho, e já que ela está nua, molhada e aqui, eu quero a minha esposa. Ele entrou e passou os braços ao redor dela. — Não só essa não é uma desculpa para um banho em uma cabine do tamanho aproximado de um caixão, como também é ruidoso demais para a quantidade de água escorrendo.

— Quem é o mais provável de ter comprometido...

— Mais tarde — ele disse e a puxou. — Mais tarde — e cobriu sua

boca com a dele.

Ela viu seus olhos antes de seus lábios se encontrarem; viu a preocupação e a fadiga neles. Era tão raro para ele mostrar isso, até mesmo para ela, que ela instintivamente o envolveu. Necessidade. Ela entendeu a necessidade, não apenas pelo físico, mas pela união.

Toque, gosto, movimento. Sabendo o que eles eram, cada um para o outro, e o que se tornavam quando essa necessidade os unia.

— Se alguém descobrir sobre isso — ela murmurou em sua orelha, — eu vou ser zoada por anos. — Ela mordeu levemente seu lóbulo. — Então faça valer a pena.

Seu coração bateu contra suas costelas quando ele entrou nela. — Ok. Isso é um começo.

Ele riu, um inesperado e bem-vindo toque de humor, juntamente com o prazer. Os canos velhos tiniram e chocalharam quando ele desacelerou seus impulsos, suavizando o ritmo de urgência para um mais lento. Ele virou a cabeça, encontrou sua boca novamente e puxou-os para baixo, profundamente, profundamente. Encheu os dois do poço cintilante de sensação e emoção.

Ele sentiu que ela gozou, o grito de sua libertação se enroscando no beijo. E a seguiu.

Em um longo, longo suspiro, ela deixou cair a cabeça no ombro dele.

— Este não é um uso autorizado das instalações departamentais.

— Nós consultores civis especialistas também precisamos de nossos privilégios. — Ele inclinou a cabeça para cima. — Eu adoro você, tenente.

— É? Então se afaste um pouco, amigo. Você está tomando o que há de água.

Quando saíram e ela começou a se afastar, ele levantou uma sobrancelha. — Toalha ao invés de tubo de secagem? Não é seu costume.

— Eu não confio neles aqui. — Ela deu ao tubo um olhar suspeito. — Você poderia ser frito, ou talvez pior, ficar preso. De qualquer forma, eu dei algum tempo para Peabody dormir, mas vou encurtá-lo, ver se já chegaram à vítima no necrotério.

— Eu irei com você.

Ela não discutiu; era uma perda de tempo. — Você não é responsável pelo que aconteceu com Ava Marsterson.

Ele a observou enquanto abotoava a camisa. — Se você colocou um de seus homens a cargo de uma operação e houve uma falha, se uma civil perdeu sua vida, de quem é a culpa?

Ela se sentou para calçar suas botas, tentando de outra maneira. — Nenhuma segurança, nem a sua, é completamente infalível.

Ele sentou-se ao lado dela no banco. — Um grupo de pessoas entrou em meu lugar, violou a segurança por dentro e cortou uma mulher em

pedaços. Preciso saber como e eu preciso saber por quê. Se alguém do meu pessoal fez parte disso, eu vou saber quem.

— Então é melhor acordar Peabody. Espero que você tenha vindo no meu carro — ela acrescentou. — Aquele brinquedo que dirigimos na noite passada não caberá nós três.

— Eu vim dirigindo em algo que caberá.

* * *

— Isso é tão *mag*! — Peabody saltou no banco de trás do grande e espaçoso carro All-terrain. — Primeiro fomos para a parte alta da cidade naquele Stinger e agora vamos pegar a estrada nisso.

— Fico feliz que você esteja se divertindo — comentou Eve. — Nós não queremos que o assassinato amorteça seu dia.

— Você deve assumir seus melhores momentos quando você os obtém. Nunca vi um desses antes. — Peabody acariciou o assento como se ela fosse um gato ronronante.

— É um protótipo — disse Roarke. — Ainda não vai estará disponível por alguns meses.

— Que demais.

— Peabody, assim que você terminar de se divertir, faça uma busca sobre os chefes da segurança e dos eletrônicos no arquivo. Investigue seus cônjuges, pais, irmãos, coabitantes, descendentes, cônjuges e coabitantes

dos descendentes. Quero saber se alguém tem uma ficha. Eu quero saber se o animal de estimação de alguém tiver uma ficha.

— Eles foram investigados — disse Roarke. — Caro pode encaminhar todos os dados para você.

Eve não tinha dúvidas de que sua eficiente secretária poderia reunir e transmitir dados em tempo recorde. — Precisamos reunir e confirmar através dos canais oficiais.

Quando ele não disse nada, ela pegou seu próprio tablet e copiou todos os dados para a unidade do escritório da Dra. Mira. Ela queria que a perfiladora e psiquiatra do departamento os revisasse e analisasse. Além disso, Eve pensou, uma das filhas de Mira era Wiccan. Talvez, apenas talvez, eles toquem essa fonte.

Os azulejos brancos e frios do necrotério ecoavam com seus passos.

Eve sentiu o cheiro do café — ou o que se passava por isso aqui — enquanto passavam por uma máquina de vendas automática. Ela sentiu o cheiro da morte muito antes de empurrar as portas duplas da sala de autópsia.

Ava estava nua em uma maca com o legista chefe Morris trabalhando nela. Seu corte em Y delicado e preciso a abria, expondo-a. Eve ouviu Peabody engolir em seco muito atrás dela.

Morris se endireitou quando eles entraram. A roupa de proteção cobria seu terno azul acinzentado. Ele usava o cabelo escuro puxado para trás em

uma longa e elegante trança. — Companhia — ele disse, e um fraco sorriso se moveu através de seu rosto exótico. — E tão cedo pela manhã. Roarke, isso é inesperado. — Mas seus olhos seguiram para Peabody. — Há água no frigobar, detetive.

— Obrigada. — Seu rosto brilhava de suor enquanto ela se apressava para pegar uma garrafa.

— O que você pode me dizer? — Eve perguntou a ele.

— Nós não chegamos muito longe. Você a marcou para mim especificamente e eu só cheguei cerca de uma hora atrás. E é por isso que o legista de plantão estava chateado por não poder colocar suas mãos nela.

— Eu não queria ninguém além de você com ela. Prefiro esperar. Tenho uma ótima ideia de como foi, de qualquer maneira. Você pode me dizer se ela foi estuprada?

— Eu posso dizer que ela fez sexo bruto, muito bruto, várias vezes. Se foi consensual ou não? Ela não pode nos dizer. Mas, devido às lágrimas, eu diria estupro. Estupro coletivo.

— Esperma?

— Eles a mergulharam em água vaginalmente, analmente e por via oral para remover. Já enviei amostras para o laboratório, mas não esperaria DNA. Eu diria múltiplos parceiros. Ela foi brutalmente usada, pré e pós-morte. — Ele olhou para o corpo. — Há tantos níveis de crueldade, não é?

E todos andam por nossas portas.

— E a tatuagem? Parecia recente e real.

— São ambos. Feita dentro das últimas doze a quinze horas.

— Eles queriam que ela fosse marcada — Eve pensou. — A ferida da garganta veio primeiro. Golpe mortal. Um atacante destro, voltado de frente.

— Se eu fosse professor, você seria minha aluna predileta. Há sessenta e oito outras feridas, várias das quais teriam sido mortais por conta própria, algumas das quais são relativamente superficiais. Eu quero fazer uma análise mais próxima, mas em uma primeira passagem, pelo menos uma dúzia de lâminas diferentes foram usadas nela. As contusões, dos dedos, das mãos, dos punhos, dos pés. Alguns antes da morte. E ainda assim...

— Nenhuma ferida defensiva — Eve terminou. — Sem sinal de que ela foi contida. Ela aceitou isso. Eu preciso saber o que ela tomou ou o que eles deram a ela.

— Eu sinalizei o exame toxicológico como prioridade. Eu posso dizer que ela não era uma usuária, a menos que fosse muito raro, muito casual. Esta era uma mulher muito saudável, que cuidava do corpo, por dentro e por fora. Haverá uma droga de estupro nela, algo potente o suficiente para fazer com que ela tolerasse esse tipo de abuso sem uma luta.

— Eu tenho alguém em custódia. Ele estava chapado. Enviei uma

amostra para o laboratório. Os pais e o irmão dela estão vindo de Indiana.

— Deus tenha piedade deles. — Morris tocou uma mão selada e ensanguentada no braço de Ava. — Eu vou limpá-la antes deles verem ela.

— Morris olhou para Roarke, com entendimento em seus olhos escuros. — Nós cuidaremos dela — ele disse. — E deles. Pode ter certeza disso.

Enquanto caminhavam pelo túnel de azulejos brancos, Roarke falou pela primeira vez. — É uma vida difícil a que você escolheu, tenente. Uma estrada brutal que leva você a isso com tanta frequência.

— Ela me escolheu — ela disse, mas ficou agradecida de sair e entrar no ar frio da nova manhã de primavera.

CAPÍTULO cinco

ve deu a Roarke um endereço do Upper West Side quando voltaram

E para o carro.

— Mika Nakamura trabalhou para mim por nove anos. — Ele saiu da vaga de estacionamento. — Quatro deles como chefe da segurança no hotel.

— Então ela deve ser boa — comentou Eve. — E deve ser capaz de explicar o que deu errado na noite passada. Ela estava no registro do meio-dia até pouco depois das vinte e três horas. Seu pessoal geralmente trabalha se estendendo até onze horas?

— Não. Ela deveria ter desconectado às oito. — Seus olhos ficaram na estrada, sua voz permaneceu calma e plana. — Paul Chambers chegou às

sete. Falei com ele ontem à noite e novamente esta manhã. Ele pegou a entrada principal do hotel quando Mika lhe disse que lidaria com a VIP e a Torre, pois tinha outro trabalho para terminar. Ela também lhe disse que ela faria alguma manutenção nas câmeras.

— Isso é usual?

— Como chefe da segurança, Mika teria alguma autonomia. Ela a mereceu.

Desconfiado, Eve pensou. Muito desconfiado. — Você falou com ela?

— Eu não consegui contatá-la. E, sim, eu pretendia totalmente vê-la pessoalmente antes de você me falar sobre os discos. — O tom, muito calmo, muito uniforme, mostrava uma fúria implacavelmente reprimida. — Ela não manteria a posição que ela tem se não tivesse passado pela seleção inicial e a depois a seleção duas vezes por ano.

No banco de trás, Peabody limpou a garganta. — Ela parece limpa. O marido de cinco anos também. Uma criança, menina, três anos de idade. Nascida em Tóquio, e se mudou para Nova York aos dez anos de idade, quando seus pais, que também estão limpos, se mudaram para fins de carreira. Ambos estudaram em Harvard e Columbia. Fala três línguas e possui diplomas em Comunicação, Hotelaria e Psicologia.

— Como ela acabou sendo sua? — Eve perguntou a Roarke.

— Eu a recrutei da faculdade. Eu tenho olheiros, você poderia chamá-

los assim, e eles chamaram a minha atenção para ela. Não faz sentido em qualquer realidade que ela fez parte do que foi feito para aquela garota.

— Ela desconectou cerca de dez minutos antes de Pike entrar na festa de Maxia. E minutos antes da segurança dos elevadores e do lobby ser retomada. Temos que dar uma olhada nisso. Ela poderia ter sido forçada, ameaçada.

— Eles são à prova de falhas. — Ele balançou a cabeça. — Ela é inteligente. Ela é muito inteligente para ser presa desse jeito.

É melhor deixar isso de lado, Eve decidiu, até falarem com a mulher em questão.

A segurança paga bem o suficiente, no domínio de Roarke, para garantir um duplex arrumado em um bairro elegante. As pessoas andando ao longo da calçada vestiam ternos e saltos enquanto bebiam o que ela supunha ser um café falso chique em copos de café para viagem. Mulheres bonitas com cabelos saltitantes reuniam crianças bonitas em direção ao que, ela assumiu novamente, seriam escolas privadas. Dois adolescentes se aproximaram em skates aéreos, enquanto um terceiro os seguia em patins.

Eve subiu os pequenos degraus para a porta. — Você pode assumir a liderança com ela — ela disse a Roarke, — mas quando eu assumir, você tem que recuar.

Em vez de responder, ele tocou a campainha.

As telas de privacidade protegiam as janelas da frente e o bloqueio de segurança mantinha um vermelho constante. À medida que os segundos passavam, Eve se perguntou como uma mulher poderia desaparecer com um marido e uma criança. Eles tinham uma casa de fim de semana em Connecticut, ela pensou, e parentes no Japão. E se. .

A luz de segurança piscou verde.

Mika Nakamura era atraente. Eve já tinha visto isso nas fotos da sua identidade. Mas nesse momento ela parecia muito acabada. A pele pálida, o entorpecimento, os olhos vermelhos e a confusão emaranhada de cabelo de ébano mostravam uma noite dura ou uma doença.

— Senhor? — a voz sua grasnou. Mika limpou a garganta, abrindo a porta um pouco mais. Ela usava um longo robe escarlate desordenadamente amarrado na cintura.

— Eu preciso falar com você, Mika.

— Claro. Sim. Há algo errado?

Ela recuou. Eve notou que a casa estava escura, que as telas de privacidade tinham sido aumentadas para bloquear a luz. Mesmo assim, o interior era salpicado com cores vibrantes de tapetes e arte.

— Por favor, entrem. Vocês não querem se sentar? Posso pegar um café? Chá?

— Você não está bem, Mika?

— Estou apenas um pouco desorientada. Eu fiz meu marido levar Aiko para tomar café da manhã porque não consegui fazer isso.

— Longa noite? — Eve perguntou e Mika lhe lançou um olhar intrigado.

— Eu. . desculpa?

— Minha esposa, Tenente Dallas e sua parceira, Detetive Peabody. Eu tentei ligar para você, Mika.

— Você ligou? — Ela empurrou as mãos para o cabelo em uma tentativa ausente de endireitá-lo. — Ninguém ligou. Eu. . — Ela apertou os dedos na têmpora. — Eu desliguei os *tele-links*? Porque eu faria isso?

— Sente-se. — Roarke pegou seu braço, levando-a a uma cadeira de um vermelho tão vermelho quanto seu robe. Ele sentou-se na mesa de café preta brilhante para encará-la. — Houve um incidente no hotel ontem à noite.

— Um incidente. — Ela repetiu as palavras lentamente, como se aprendesse a língua.

— Você estava no comando, Mika. Você pediu a Paul para cobrir a entrada principal do hotel, embora já estivesse coberta. E você dispensou os técnicos da sala de telas, dizendo-lhes que estaria executando alguma manutenção nas câmeras.

— Isso não parece certo. — Ela esfregou novamente a sua têmpora. —

Não parece certo.

Eve tocou o ombro de Roarke, e apesar da impaciência passar por seus olhos, ele se levantou. Eve tomou seu lugar. — Pouco antes das dezesseis horas, você desligou as câmeras do lobby VIP e do elevador privado para a Suíte 606. Elas permaneceram assim até cerca de vinte e três horas.

— Porque eu faria isso?

Não foi uma negação, Eve observou. Uma pergunta sincera. — Um grupo reservou essa suíte. O Grupo Asant. Você conhece eles?

— Não.

— Durante o tempo em que as câmeras ficaram desligadas, por seu comando, uma mulher foi assassinada naquela suíte.

Até mesmo a cor doentia desapareceu das bochechas de Mika. — Assassinada? Oh, Deus. Senhor. .

— Olhe para mim, Mika — Eve exigiu. — Quem lhe disse para desligar as câmeras, para mandar seu substituto para outro lugar, para dispensar o técnico?

— Ninguém. — Sua respiração ficou curta quando seu rosto pálido se abaixou com dor. — Eu não fiz isso. Eu não faria isso. Assassinada? Quem? Como?

Eve estreitou os olhos. — Você está com dor de cabeça, Mika?

— Sim. Está muito forte. Tomei um analgésico, mas não melhorou.

Não consigo pensar. Não entendo nada disso.

— Você se lembra de trabalhar ontem?

— Claro. Claro que eu lembro. Eu.. — Os lábios dela tremiam; seus olhos se alargaram. — Não. Não. Não lembro. Não me lembro de nada, tudo está borrado e em branco. Minha cabeça. Deus. — Ela a deixou cair em suas mãos, balançando-se, assim como Jackson Pike tinha feito. — Quando eu tento lembrar, é pior. Não suporto a dor. Senhor, há algo errado comigo. Algo está errado.

— Tudo bem agora, Mika. — Roarke simplesmente cutucou Eve de lado, agachou-se e colocou seus braços ao redor da mulher que chorava. — Vamos cuidar disso. Nós vamos levá-la ao médico.

— Peabody, ajude a Sra. Nakamura a se vestir. Vamos levá-la para a Central.

— Droga, Eve. — Roarke pôs-se em pé.

— A Dra. Mira pode examiná-la — Eve disse calmamente, — e determinar se a causa é física ou psicológica. Ou ambos.

Roarke recuou, virando-se para ajudar Mika a se levantar. — Vá com a detetive Peabody. Vai dar tudo certo.

— Alguém está morta. Eu fiz alguma coisa? Se eu fiz. .

— Olhe para mim. Vai dar tudo certo.

Isso pareceu acalmá-la. Mas enquanto ela continuava a tremer,

Peabody colocou um braço ao redor dela para levá-la da sala.

— Mesmo sintomas de Jackson Pike — Eve comentou. —

Exatamente.

— Eve. .

— Estou te dando uma pausa por não ficar chateado. Não abuse da

sorte.

Ele simplesmente assentiu. — Eu vou ficar até que ela esteja pronta

para ir. Então eu tenho outras coisas para fazer.

— Ótimo. — Ela tirou o comunicador para providenciar o transporte

de Mika e depois contatou o escritório de Mira. Ela enfrentou a secretária

de Mira. — Eu serei prioridade, você está me ouvindo? Se necessário, irei

ao comandante com isso e ninguém ficará feliz com isso. Estou ordenando

uma prioridade. A Dra. Mira limpará sua agenda a partir de agora. Jackson

Pike, atualmente em custódia, será levado para ela para exame. Ela tem o

arquivo. Se ela tiver alguma dúvida, ela pode me contatar. Em uma hora, ela

examinará Mika Nakamura, que será levada para a Central em breve. Se

você tiver um problema, você pode lidar comigo mais tarde, mas você fará

exatamente o que eu disse e você vai fazer isso agora.

Eve desligou. — Eu deveria juntá-la com Summerset. — Ela

murmurou. — Um casal de bundas travadas. — Enquanto Roarke

observava pensativamente, ela entrou em contato com sua própria divisão e

providenciou dois policiais para levar Pike ao escritório de Mira o mais rápido possível. Satisfeita, ela empurrou o comunicador de volta no bolso.

— Alguém a usou — começou Roarke.

— Talvez.

— A usou — ele repetiu. — E uma mulher está morta por causa disso. Mika nunca esquecerá disso.

— Você pode se preocupar com isso agora. Eu não posso.

— Entendido. Não estamos em lados diferentes, Eve. Apenas ângulos ligeiramente diferentes. Ela está com dor, com medo e confusa. E ela é minha. Você entende isso.

— Sim. — Ela entendia isso até os ossos. — E Ava Marsterson é minha. Acho que a sua chefe de segurança de repente achou que seria divertido ajudar um grupo de lunáticos a entalhar alguém em nome de Satanás? Não. Mas há uma razão pela qual eles a usaram, uma razão pela qual eles usaram seu lugar, aquela sala, aquela vítima. Há um motivo para Jackson Pike.

Eve se aproximou quando Peabody levou Mika de volta à sala.

— Senhora Nakamura, você já foi na Clínica de Saúde West Side?

— O quê? Sim. O pediatra de Aiko é de lá e o meu médico.

— Você conhece Ava Marsterson?

— Eu... — Mika cambaleou, uma mão pressionada em sua cabeça. —

Quem? Não consigo pensar com essa dor.

Eve olhou para Roarke. — Eu aceitarei isso como um sim.

* * *

— Ela é honesta, Dallas. — Peabody meditou pela janela do carro. — Ela mal podia suportar a dor, mas ela lutou para superar isso. Preocupada com o marido e o filho, doente, seriamente doente, com a ideia de que alguém morreu enquanto ela estava no comando. — Ela olhou para Eve. — Assim como Pike. Então, você tem que pensar, tendo em conta as circunstâncias. . o ritual de magia, no lado negro, a reunião de, bem, poder. Por todas as aparências e todas as evidências, a capacidade de fazer duas pessoas corretas se comportarem de uma maneira oposta ao seu caráter. Podemos estar lidando com um feitiço.

Os olhos castanhos de Eve se estreitaram. — Eu sabia que você iria chegar nisso.

— Não é sem precedentes — insistiu Peabody. — Há sensitivos, sensitivos inescrupulosos que usam seus dons para seu próprio ganho, seu próprio propósito. A magia negra está tomando esses dons, esse poder e distorcendo-os.

— Jackson Pike estava carregado de drogas.

— Adicionar drogas à mistura é mais fácil de dobrá-los à sua vontade.

Havia algo naquela suíte, algo remanescente. — Peabody esfregou seus

braços como se de repente se esfriasse. — Você também sentiu isso.

Ela não discutiu, porque isso era verdade. — Não estou comprando que alguma bruxa poderia... — Eve acenou uma mão no ar. — E pegar um cara normal para começar a esfaquear alguém com uma faca.

— Eu não acho que ele o fez. Eu acho que ele deveria ser outro sacrifício, ou talvez apenas o que leva a culpa. — Quando Eve não respondeu, Peabody franziu o cenho. — Você não quer acreditar no negócio de poder, mas uma lógica é certa, por que esse grupo planeja tudo isso e inclui um jovem médico que só esteve em Nova York há algumas semanas e não tem vínculos de nada antes disso? Você não traz algum novato para um grande negócio. Você não...

— Você está certa.

— Ouça, estou apenas dizendo... Eu estou certa?

— Sobre Pike, sim, você está certa. Eles talvez também iriam apagar ele. Ou talvez eles o pegaram para levar a culpa. Drogaram ele, deixando-o para trás. Ele não tem defesa. Nu, cheio de drogas ilegais, coberto com o sangue da vítima e carregando uma das facas usadas nela. Ainda assim, eles teriam que achar que saberíamos que ele não faria isso sozinho, e quando as drogas desaparecessem, nós o examinaríamos, trabalharíamos com ele e ele poderia começar a lembrar de alguns detalhes.

Peabody refletiu isso por um momento. — Ok, olha, você não acredita

na magia, mas você concordará que as pessoas que se juntam para acender velas e fazerem orgias que acabam em sacrifício humano provavelmente acreditem.

— Eu vou concordar com isso.

— E podem ser persuasivos, especialmente se eles tiverem um dom, forem sensitivos, especialmente se a pessoa que estão persuadindo está dopada.

— Ok. — Eve assentiu.

— Então, para dissuadir, precisamos de alguém com um dom, alguém que acredita, para quebrar o feitiço.

— Você quer trazer uma bruxa? Cristo.

— É uma opção — Peabody pressionou.

— Mira vai examiná-los e determinar a raiz dos bloqueios físicos e/ou psicológicos. Vamos ficar com a realidade, por um tempo.

Ela disparou para uma vaga em um estacionamento da rua no segundo nível. — Brian Trosky estava no balcão no momento do check-in do grupo. Vejamos o que ele lembra, ou se ele também sofreu de dor de cabeça esta manhã.

Eve atravessou a calçada e entrou no prédio de apartamentos. Como não contava com um porteiro ou recepcionista, ela foi direto para os intercomunicadores e pressionou o marcado com Trosky.

Quando não houve resposta, Eve contornou a fechadura do elevador.

— Terceiro andar — ela ordenou.

A música explodiu no momento em que as portas se abriram no terceiro andar. Uma mulher estava batendo na porta de 305, o apartamento de Trosky. — Brian, pelo amor de Deus, desligue isso.

— Algum problema? — Eve perguntou quase gritando.

— Sim, a menos que você esteja surda. Ele está ouvindo essa música por mais de uma hora. Trabalho à noite. Tenho que dormir um pouco.

— Ele não atende a porta? Você tentou o seu *tele-link*?

— Sim. Não é do feitio dele, eu tenho que dizer. Ele é um cara legal. Um bom vizinho. — Ela bateu novamente na porta. — Brian, pelo amor de Deus! — Ok, se afaste.

Quando Eve pegou a chave mestre, a mulher sorriu. — Espere, espere um minuto. Você não pode simplesmente entrar na casa de alguém. Eu vou chamar a polícia.

— Nós somos policiais. — Eve assentiu para Peabody enquanto usava a chave mestre, e Peabody tirou seu distintivo.

— Oh, uau, oh, merda. Ele está com problemas? Eu não quero colocá-lo em problemas.

Eve abriu a porta e sentiu seus tímpanos vibrarem com a força da música. — Sr. Trosky, aqui é a polícia! — ela gritou. — Nós estamos

entrando. Música, desligar — ela ordenou, mas o rugido continuou. — Peabody, encontre a fonte desse ruído e desligue. Trosky! Aqui é a Polícia de Nova York!

Ela puxou a arma, mas manteve-a ao seu lado enquanto examinava a sala de estar — destroçada — e depois a extensão da cozinha. Ela se moveu para a porta aberta do quarto.

Ele estava deitado na cama, enrolado em lençóis sangrentos. Ela analisou a sala e o banheiro adjacente, embora o instinto lhe dissesse que Brian Trosky não tinha sido atacado, que o martelo que tinha cavado seu crânio — para parar a dor? — tinha sido empunhado por suas próprias mãos.

CAPÍTULO seis

esmo método, Roarke pensou enquanto caminhava para a Busca M Espiritual, diferentes ângulos. Eve sempre procuraria o lógico, o racional. Ele era um pouco mais flexível. E então ele veio falar com a bruxa.

A loja era bonita, até mesmo festiva a sua maneira com seus cristais e pedras, seus cálices e velas, suas tigelas coloridas e ervas prósperas. Seu aroma era um prado de primavera, ele pensou, com uma pitada de luz da lua. No espaço pequeno com o murmúrio de harpas e flautas como fundo, pessoas transitavam. Ele observou uma mulher com um vestido branco carregando uma bola de cristal esfumaçada para o balcão, onde o jovem

funcionário a instruiu solenemente sobre como carregar a bola ao luar, como limpá-la.

Quando a compra foi feita, embrulhada e ensacada, Roarke deu um passo em direção ao balcão. Ele não precisava ter se incomodado, pois ela saía da sala dos fundos com uma consciência em seus olhos escuros que lhe dizia que ela o sentiu — ou no método mais trivial, o tinha visto em uma tela de segurança.

— Bem-vindo de volta.

— Isis. — Ele pegou a mão que ela ofereceu, segurou-a e sim, sentiu um frisson de algo. Alguma conexão.

— Você não está aqui para fazer compras — ela disse com sua voz quente e gutural, — o que é uma pena considerando a profundidade de seus bolsos. Venha ao andar de cima, ficaremos mais confortáveis e você pode me dizer o que precisa saber.

Ela abriu o caminho pelos fundos, subindo as escadas. Ela movia-se com graça, atleticamente, uma deusa Amazona de altura considerável e curvas generosas. Seu cabelo flamejante caía em cachos loucos quase até a cintura do top branco confortável que ela usava, apenas provocando a parte de trás da primeira das muitas camadas de sua saia, um arco-íris de matiz. Ela se virou para a porta e sorriu para ele com aqueles olhos de ônix. Seu rosto era atrevido, com um amplo destaque em sua pele de um dourado

amorfo e sonhador.

— Uma vez, em outra vida, procuramos conforto juntos por mais do que conversar. — Seu sorriso desapareceu. — Mas agora é a morte, novamente é a morte que traz você aqui. E pesa sobre você. Eu sinto muito.

Ela entrou na sala de estar de um apartamento tão exótico e apelativo quanto sua loja. — Sua Eve está bem?

— Sim. E Chas?

Ela soltou uma risada. — Saiu para a delicatessen para um café — ela disse, referindo-se ao seu amante. — Nós fingimos que ele está passeando. Mas você não pode viver e amar outra pessoa e não saber pelo menos alguns dos seus segredos.

Ele olhou para seus olhos escuros, tão convincentes, tão misteriosamente familiares. — Eu soube os seus, alguma vez?

Ela gesticulou para uma cadeira, tomando uma ela própria. — Nós nos conhecemos muito bem e nos amamos. Mas eu não era seu amor, seu único amor. Você a encontrou então, como se você a encontrasse novamente. E sempre irá. Você sabia quando a viu pela primeira vez. No primeiro cheiro, no primeiro toque.

— Eu sabia. Isso foi. . — Ele sorriu um pouco, lembrando seu primeiro contato com Eve. — Irritante.

— Ela sabe que você veio?

— Não. Nem sempre seguimos as mesmas linhas, mesmo que geralmente terminemos no mesmo lugar. Não sei se você pode ajudar, ou se eu tenho o direito de trazer a morte à sua porta.

— Não é uma morte comum. — Isis respirou longamente e devagar.

— Alguém usou as artes para causar danos?

— Eu não sei. Eles, pelo menos, usaram a ilusão delas para matar uma mulher inocente. Você não soube disso?

— Nós acabamos de abrir esta manhã e eu não escuto as notícias da mídia. — Os anéis brilharam e cintilaram em seus dedos quando ela colocou as mãos nos braços de sua cadeira, recostando-se. — O que eu teria ouvido?

Então ele contou a ela, observando sua linda pele pálida e seus olhos ficarem mais escuros ainda. — Você sabe sobre eles? O Grupo Asant?

— Não, e eu teria ouvido. — Seus dedos acariciaram a pedra lisa e azul do pendente que ela usava, como se por conforto. — Ouço a escuridão e a luz. Suíte 606. Ou 666 com uma pequena mudança. Você não conhecia essa garota?

— Não.

— Você não trouxe nada dela, nada que ela possuía, usava, tocou?

— Desculpe, não.

Ainda pálida, Isis assentiu. — Então, para ajudá-lo, você precisa me levar lá. Para onde eles a sacrificaram.

* * *

Eve disparou para a Clínica West Side. — Eles tiveram que atrair a vítima aqui. Recrutar o novo médico, conectar-se com Mika. Alguém na equipe, um paciente, uma das pessoas da equipe de limpeza.

— Você realmente acha que Pike ou Mika podem tentar se matar como Trosky?

— Mira foi notificada. Isso não acontecerá. Não é nem meio-dia — Eve respondeu.

— Claro, poderíamos almoçar agora.

— Talvez ele tenha esbarrado neles, ou chegou mais cedo do que imaginavam. Entrou na festa. Festa improvisada, Maxia apenas a planejou no dia anterior. Não podiam saber que ele caminharia diretamente para outra cobertura. Não podiam saber que uma policial e o proprietário do hotel estaria bem ali, que acharíamos o corpo minutos depois.

— Sem a festa, ele poderia ter andado pelo hotel por horas ou ter. . chegado até um andar inferior, até mesmo no lobby — concordou Peabody.

— Ninguém o teria ligado diretamente ao 606.

— O que você obtém é um monte de civis gritando, correndo, segurando-o. Os policiais são chamados. Em algum momento, eles vão verificar os discos, mas eles não sabem o período de tempo exato, então demorará um pouco mais de tempo para localizar o 606 e encontrá-la. Se

três dos principais participantes se matarem antes de interrogá-los completamente, antes de serem examinados por um profissional, o que nós teremos?

— O que parece ser o novo cara na cidade atraindo uma garota bonita para a morte, e estando conectado com os outros dois, fazendo parte de um culto.

— Sim, poderíamos perder algum tempo nisso. Eles podem não estar prontos para nós. — Eve foi em direção ao meio-fio, friamente parando em um estacionando duplo. — Nem um pouco prontos. — Ela virou a placa Em Serviço, saiu e caminhou até a clínica.

Bebês choravam. Por que, ela se perguntou, eles sempre soavam como alienígenas invasores? Pessoas estavam sentadas com o olhar fixo dos doentes ou terminantemente entediados. Eve se aproximou do balcão de check-in, onde uma morena olhou para ela com olhos devastados por lágrimas.

— Desculpe, nós não estamos atendendo hoje. Eu posso encaminhá-la para. . — Ela se interrompeu quando Eve colocou seu distintivo no balcão.

— Oh. Oh. Ava. — As lágrimas surgiram, largas e rápidas. — É sobre Ava.

— Quem está no comando aqui?

— Eu. . eu. . Ava que gerenciava a clínica. Ela realmente lidava com tudo. Não entendo como...

— Sarah. — Outra mulher em um terninho elegante apareceu e tocou o ombro da recepcionista. — Vá para a sala de descanso por um momento. Está tudo bem.

— Desculpe, Leah. Eu simplesmente não consigo suportar. — Ela levantou-se e fugiu.

— Eu sou Leah Burke. — A morena mais velha estendeu a mão, dando em Eve um forte aperto de mão. — Uma das enfermeiras praticantes. Só ouvimos sobre Ava há algumas horas. Todos estamos... bem, estamos cambaleando. Por favor, aguardem um pouco. Preciso encontrar alguém para cobrir o balcão. Podemos usar o escritório do Dr. Slone, ele está com um paciente. À esquerda, depois à direita, depois à terceira porta à direita. Eu encontrarei vocês.

Eve tentou ignorar as imagens do que poderia estar acontecendo atrás das portas fechadas das salas de exame. Ela odiava clínicas, hospitais, médicos, enfermeiros. Se fossem médicos, ela queria que eles continuassem longe.

O escritório de Slone era polido e empertigado. Os diplomas em quadros pretos tornavam as paredes importantes, enquanto uma foto de uma loira atraente na mesa adicionava um toque pessoal. As cadeiras robustas e retas estavam de costas e em frente à mesa ampla.

— Investigue-a — Eve disse a Peabody.

— Já estou nisso. Quarenta e oito anos de idade, divorciada. Uma filha, falecida. Ah, Jesus, atropelada enquanto atravessava a rua. Motorista bêbado. Graduada na Faculdade de Medicina de Columbia. Trabalhou dez anos na clínica gratuita em Alphabet City, passou cinco anos como mãe profissional, trabalhou outros dois na Alphabet City, ficou desempregada por um ano depois de sua filha ter morrido, então veio trabalhar aqui. Seis anos aqui dentro. Nada criminoso. Ela...

Ao sinal de Eve, Peabody baixou o tablet. Um momento depois, Leah entrou depressa. — Sinto muito. Estamos todos desorientados e chateados hoje. Estamos lutando para reprogramar consultas e lidar com pacientes quando não podemos. Você quer os registros médicos e de emprego de Ava? O Dr. Collins nos autorizou a entregá-los à polícia se vocês viessem buscar eles.

— Sim, vamos levá-los. E os do Dr. Pike.

— Jack? — Ela pareceu desmoronar. — Receávamos que. . nós não conseguimos contatá-lo, e ele não veio para seu turno. Eles estavam juntos ontem à noite. Era seu primeiro encontro.

— Era?

— Ava estava tão nervosa, e Jack era tão doce. Não posso acreditar que estão mortos.

— Ela está; ele não está. Onde eles estavam indo?

— O quê? Ele está bem? — Ela alargou os olhos, ficando brilhantes com lágrimas. — Jack está bem?

— Ele ficará. Você sabe para onde eles estavam indo?

— Ah, apenas algo casual. Jantar e filme, talvez um clube. O que aconteceu? Você pode nos dizer o que aconteceu? As notícias não fazem sentido, e quando solicitamos informações, não conseguimos obter nenhuma. Estamos todos...

Ela se afastou quando a porta se abriu. Ele era um homem imponente, talvez um metro e noventa, esguio como um chicote com um rosto nitidamente esculpido. Seus olhos eram verdes com um toque de dourado, com os cabelos marrom escuro.

— Dr. Slone, essas são... desculpe, estou tão desorientada. Não perguntei seus nomes. A polícia.

— Tenente Dallas, Detetive Peabody.

— Sim, claro. Leah, vá dar uma olhada em Sarah, ok? Ela deveria ir para casa. — Ele foi até a mesa, sentando-se atrás dela. — O que aconteceu com Ava?

— Ela foi assassinada.

— Mutilada, dizem os noticiários. A palavra foi “mutilada”.

— Isso seria preciso.

Ele respirou lentamente para dentro, lentamente para fora. — Em um

quarto de hotel. Eu acho difícil acreditar que Ava iria para um quarto de hotel com Jack em um primeiro encontro. Com qualquer um, a propósito.

— Ela era uma mulher jovem e saudável. Muitas mulheres saudáveis costumam ir a quartos de hotéis em um encontro.

— Ela era tímida, e o que eu tenho certeza que você pensaria como antiquada. — O brilho de raiva acentuou o dourado em seus olhos. — Ela deve ter sido forçada a ir para lá, e Jack nunca forçaria ela nem ninguém. Onde está o Dr. Pike?

— Ele está sob custódia.

Agora, Slone ergueu-se do assento. — Você o prendeu? Por causa disso?

— Eu disse que ele estava sob custódia, não que ele estava preso.

Ele franziu o rosto quando olhou para Eve. — Ele tem um advogado?

— Ele não pediu um.

— Eu não vou deixar aquele garoto ser acusado disso. Eu o trouxe aqui. Você entende? Eu o trouxe aqui.

— Você o recrutou — Eve disse, pensando na declaração anterior de Roarke.

— Ele é um bom médico, um bom homem. Um médico, não um assassino. Eu pessoalmente arranjarei seu advogado.

— Essa é uma escolha sua. Onde você estava na noite passada, Dr.

Slone?

— Como é?

Eve muitas vezes se perguntava por que as pessoas usavam essa frase quando realmente queriam dizer “vai se foder”.

— É rotina. Que horas você deixou a clínica?

— Eu saí por volta das quatro e fui para casa. Eu acredito que cheguei perto das cinco.

— Alguém pode comprovar isso? Sua esposa, sua equipe?

— Foi o dia de folga de nossa empregada — ele disse com rigidez. — Minha esposa estava fora. Chegou em casa logo depois das sete. Eu estou indignado com as implicações disso.

— Eu vou implicar o mesmo para o resto da equipe e funcionários da clínica. Posso usar o seu escritório ou conduzir as implicações à central de polícia.

— Vamos ver o que o meu advogado tem a dizer sobre isso.

Antes que ele pudesse alcançar seu *tele-link*, Eve agarrou a bolsa de Peabody e tirou a foto de Ava na cena do crime.

— Dê uma olhada, dê uma boa olhada. — Eve bateu a foto em sua mesa.

— E então faça bico para as minhas implicações e ligue para o seu maldito advogado.

Ele não empalideceu; ele não tremeu. Mas ele olhou por muito tempo.

E, quando ele levantou a cabeça, seus olhos estavam duros e frios. — Ela não era mais do que uma criança. Use o escritório. Eu notificarei os outros. Eles terão que falar com você entre os pacientes.

Ele saiu, fechando a porta atrás dele.

— Ele tem muita atitude — Eve comentou.

— Assim como você, senhora.

Com um encolher de ombros, Eve mergulhou as mãos nos bolsos. — Investigue-o. Investigue todos eles.

## CAPÍTULO sete

nquanto Isis reunia o que precisava, Roarke pegou o *tele-link* para

E entrar em contato com Eve. Ele lutou contra o ressentimento que o queimou com a ideia de que ele se sentia obrigado a obter autorização de sua esposa para entrar em sua própria propriedade. E, ele percebeu, se ressentiu pela luta contra o ressentimento.

Malditos policiais, ele pensou, e seus malditos procedimentos. E então ele xingou quando ele foi mandado diretamente para seu correio de voz.

— Bem, se você não pode se dar ao trabalho de atender seu *tele-link*, eu direi que eu consegui minha própria especialista. Eu quero que ela tenha um passe para a cena do crime para que eu a leve lá em breve. Qualquer problema com isso, bem, você terá que me retornar, ok? E veremos se eu poderei me dar ao trabalho de atender o meu *tele-link.*

Quando ele desligou, viu Isis observando-o com diversão dançando em seus olhos. — Duas pessoas de cabeça dura e obstinadas, ambas não só acostumadas a dar ordens, mas também de as ter obedecidas. Deve ser uma vida interessante e estimulante a que vocês têm juntos.

— Há momentos em que me pergunto como conseguimos passar duas horas juntos, muito menos dois anos. E outras vezes, me pergunto como nós sobrevivíamos antes de nos encontrarmos.

— Ela ficará brava com você por me levar para este lugar.

— Não, o que ela vai estar é bastante furiosa. Mas eles usaram meu lugar, entende, e pelo menos uma pessoa do meu pessoal. Então ela terá que ficar furiosa. Sou grato por você fazer isso.

— Os dons não são gratuitos. O que eu tenho, o que eu sou faz suas próprias exigências. Você pode aceitar isso? — Ela estendeu uma pequena sacola de seda branca amarrada com um fio prata.

— O que é isso?

— Um amuleto de proteção. Eu gostaria que você o carregasse quando formos juntos naquele lugar.

— Tudo bem. — Ele enfiou no bolso, sentindo que ele chocou levemente contra o botão cinza que habitualmente ele carregava lá. O botão de Eve, ele pensou, não era um tipo de amuleto? — Eu já estive lá antes.

— Sim. E o que você sentiu?

— Além de raiva, de pena? Suponho que se eu fosse um homem fantasioso, eu diria que senti o cheiro do inferno. Não de enxofre. O cheiro da crueldade.

Isis respirou fundo. — Então iremos. E veremos.

*** * ***

No escritório de Slone, Eve olhou para a tela do *tele-link* dela e deixou a transmissão ir para o correio de voz. Roarke teria que esperar, ela decidiu, e voltou para Sarah Meeks. A recepcionista já estava mais calma agora, mas as lágrimas ainda tremulavam.

— Onde Ava e Jack estavam indo?

— Eles não tinham certeza. Ambos queriam manter as coisas simples, sabe? Primeiro encontro, e trabalham no mesmo lugar, então se não funcionar..

— Eles saíram juntos daqui?

— Não.. quero dizer, acho que não. Ela ainda estava. . eles estavam. . aqui quando eu saí. Mas eu sei que ela planejava ir para casa primeiro. Mesmo que fosse casual, Ava queria se arrumar um pouco, então ela estava indo para casa para se trocar.

— Que horas você saiu?

— Cerca de três horas. Eu cheguei às sete ontem e saí por volta das três.

— Quem mais estava aqui quando você foi embora?

— Oh, vamos ver. Dr. Slone, Dr. Collins e Dr. Pratt. Hum, Leah, Kiki, Roger, um dos nossos médicos assistentes e...

Eve tomou notas enquanto Sarah mencionava nomes.

— Ava estava saindo com mais alguém?

— Não. Quero dizer, ela namorou algumas vezes, mas não muito, e nada sério. Simplesmente havia uma faísca, sabe, entre ela e Jack. Todos achávamos que eles poderiam...

— Ela tinha algum interesse no oculto?

— O quê? Você quer dizer como fantasmas ou algo assim?

— Ou algo assim.

— Acho que não. Ava era... — Ela parou novamente, como se tentasse encontrar a palavra. — Pés no chão. É isso. Ela era realmente ligada à realidade. Ela amava seu trabalho aqui, e era tão boa nisso. Boa com a equipe, com os pacientes. Ela lembrava os nomes das pessoas e para o que elas vinham, e o que todos gostavam em seu café.

— Havia alguém que mostrava um interesse particular nela, além de Jack?

— Todo mundo. Ela era assim. Todo mundo amava Ava.

Eve disse para Sarah ir, fungando. — Alguma coisa apareceu nessas pesquisas? — ela perguntou a Peabody.

— Nada apareceu. Têm muitas pessoas altamente educadas na equipe. Slone é casado, tem dois filhos, sem ficha criminosa. A esposa é uma designer de interiores. Casas na cidade, nos Hamptons e no Colorado. Dr. Lawrence Collins, segundo casamento, dois filhos de cada um, nenhuma ficha criminosa. A esposa atual é mãe profissional. Uma casa no Upper West Side e uma na Costa Rica. Pratt...

— Copie os dados para a minha unidade de bolso. — Eve andou pelo escritório. — Isso vai demorar um pouco. Precisamos nos dividir. Vá e verifique o apartamento de Ava. Peça à DDE que pegue seus equipamentos eletrônicos. Eu vou encontrá-la na Central quando terminar aqui.

— Ok. Sabe, Dallas, ambas vamos precisar dormir em algum momento.

— Nós chegaremos a isso. Diga a eles para mandar mais alguém aqui.

Pelo menos um dos assassinos estava aqui, Eve pensou. Ela tinha certeza disso. A vítima não tinha estado na cidade dois anos completos, e pelo que Eve tinha descoberto, a maior parte de seu tempo, energia e interesse estavam em seu trabalho. Estes eram seus contatos, seu pessoal. Pike, um jovem recentemente chegado.

Era possível que eles tivessem tido um conflito com alguém no apartamento de Ava — e Peabody iria descobrir isso, se assim foi. Mas a lógica dizia que tanto Ava quanto Jack conheciam, pelo menos, um de seus assassinos o suficiente para confiar nele.

E que lugar era mais fácil para drogar alguém do que em um centro de saúde? O lugar estava cheio de drogas — e de pessoas que, na opinião de Eve, adoravam furar as outras pessoas. Subjugue-os aqui, ela especulou, dê-lhes suco da felicidade o suficiente para torná-los complacentes e transporte-os para o hotel, onde um ou mais parceiros já lidaram com Mika e Trosky.

Coloque-os no andar de cima, ela imaginou, e deixe a festa começar.

Tinha que ser cedo. A coisa toda tinha acabado às vinte e três horas, no máximo. Levou um tempo para comerem, beberem, fazerem sua orgia e realizar um sacrifício humano.

Ela olhou para cima quando a porta se abriu. O homem que entrou tinha cerca de um metro e oitenta e tinha uns bons cinco quilos em excesso na barriga. O rosto redondo dele tinha um sorriso agradável, mas atormentado. Olhos de um verde desvanecido irradiavam tanto de fadiga quanto de amabilidade. Ele passou sua mão através de seu emaranhado de cabelos curtos castanhos.

— Sinto muito por mantê-la esperando. Nós estamos. . bem, estamos com poucos funcionários hoje, como você sabe. Não tivemos tempo suficiente para notificar todos os funcionários, os pacientes e fechar hoje. — Ele sentou, cansado. — Eu acho que todos estamos correndo com os nervos à flor da pele. Desculpe, eu sou o Dr. Collins, Larry Collins.

— Tenente Dallas. Sinto muito pela sua perda.

— Isso é incompreensível. Pelo menos meia dúzia de vezes hoje comecei a pedir algo a Ava. Nos seis meses ou mais desde que ela esteve aqui, ela se tornou o centro da clínica.

— Você está ciente de que ela estava planejando sair com o Dr. Pike na noite passada, socialmente.

— Sim. Todos estávamos instigando, um monte de casamenteiros. — Seus lábios se comprimiram com o termo. — E agora. . Jack não poderia ter machucado ela, tenente. Não é possível.

— A que horas ela saiu ontem?

— Ah, deixe-me pensar. Eu acredito que ela ainda estava aqui quando eu saí, e isso deve ter sido quase cinco. Sim, sim, porque eu disse boa noite para ela e... — Ele parou, desviou o olhar, lutou pela compostura. — . .e boa sorte.

— Onde você foi?

— Eu fui para casa e tomei uma bebida. — Ele sorriu um pouco. — Meu último paciente do dia foi um menino de cinco anos muito, digamos, ativo e opinativo.

— Você é pediatra?

— Isso mesmo.

Eve assentiu com a cabeça, observando-o. — Eu tenho que perguntar,

é rotina. Existe alguém que possa verificar seu paradeiro das dezessete horas até a meia-noite?

— Minha esposa. Ela me arranjou a bebida, que Deus a abençoe.

Tivemos uma noite tranquila em casa enquanto as crianças passavam a noite com amigos.

— Tudo bem. Quem estava aqui quando você saiu, além de Ava?

— Eu não estou inteiramente certo. — Ele franziu a testa em pensamento. — Eu acho que Rodney, uma das nossas enfermeiras, e Kiki, uma técnica de laboratório. Eu sei que a sala de espera estava clara, porque eu comentei com Ava. Nós tentamos fechar às cinco, mas, de maneira realista, chega mais perto das seis.

— O Dr. Pike? Ele ainda estava aqui?

— Eu não o vi. Claro, ele poderia estar com um paciente.

— Obrigada pelo seu tempo. Posso ter algumas perguntas mais tarde, mas por enquanto, é isso. Você me enviaria Kiki ou Rodney?

— Eu acho que Rodney está na hora do almoço, mas vou dizer a Kiki que você está esperando. — Ele se levantou, caminhou até a mesa onde ela estava sentada e ofereceu uma mão. — Obrigada, tenente, por tudo o que você está fazendo.

Ela levantou primeiro para que seus olhos estivessem nivelados. Ela pensou em quando ela iria poder fazer uma refeição e pegou sua mão. — É

meu trabalho.

— Mesmo assim. — Ele manteve sua mão e seus olhos nela por um momento mais, então soltou-a. — Obrigado.

Ela esperou até que ele tivesse deixado a sala antes de falar para o gravador. — Nota, o Dr. Lawrence Collins é sensitivo. E daqueles que não se importam de mexer na mente dos outros sem permissão.

Espero que tenha gostado dos pensamentos sobre pizza de pepperoni,

Eve pensou. Depois, verificando a hora, pegou o *tele-link* dela para verificar suas mensagens.

Ela estava grunhindo e fumegando antes que a mensagem de Roarke acabasse. — Filho da puta! — Ela ligou de volta para ele. — É melhor atender, maldição, é bom você... Fique longe da minha cena de crime — ela disse quando o rosto dele apareceu na tela.

— Essa cena de crime é uma suíte do meu hotel.

— Veja bem, camarada..

— Veja bem você, para variar. Uma pessoa do meu pessoal está sob custódia. Outro, acabei de ser informado, está morto por suas próprias mãos. Não vou ficar sentado e não fazer nada.

— Estou chegando a algum lugar aqui, e eu entrarei em contato com

Mira dentro de uma hora. Ela terminará os exames iniciais, e se ela obtiver resultados, acho que eu posso ter o suficiente para um mandado de busca.

— Está tudo indo muito bem, bom para você. Enquanto isso, eu tenho a minha própria linha para puxar, e no final disso, você pode ter o suficiente para mandados de prisão.

— Você não pode entrar em uma cena de crime e levar alguém com você. Quem diabos está com você?

— Isis.

Houve um longo e atordoado silêncio. — Você está levando uma bruxa na minha cena de crime? O que diabos há de errado com você? Se os dois comprometerem...

— Seus peritos e técnicos já passaram por lá, a cena foi gravada e fotografada, provas removidas e registradas. Você já passou por essa suíte de cima a baixo. Acrescentado a isso, maldição para você também, eu não sou um idiota. Eu sei o que deve ser feito para proteger a cena sangrenta.

— Vocês dois precisam de uma soneca — Eve ouviu Isis dizer, muito agradavelmente.

— Escute. Estou no Upper West Side, finalizando entrevistas com a equipe do centro de saúde. Eu terminarei em cerca de trinta minutos, e posso estar no hotel em quarenta. Espere. Apenas espere até eu chegar lá.

Houve outro silêncio, então ela o viu assentir. — Quarenta minutos — ele disse e desligou.

Eve sibilou uma respiração e chutou a mesa de Slone. Ela poderia ter

chutado pela segunda vez, mas a porta se abriu.

A mulher que entrou transparecia o neogótico. Os cabelos pretos, os lábios vermelhos e o aro de prata perfurado através da orelha esquerda projetavam uma espécie de desafio descuidado que se fundia com a tatuagem que aparecia na inclinação de seu peito.

Eve podia ter considerado tudo uma questão de estilo pessoal, juntamente com a blusa preta e as calças, as botas pretas grosseiras, se não fosse pelo brilho presumido em seus olhos delineados.

Elo fraco, Eve pensou e sorriu. — Olá, Kiki.

— Estou ocupada. — Ela se afundou em uma cadeira. — Então vamos logo com isso. Saí por volta das cinco... Ava, a pura e saudável. . ainda estava aqui, com os olhos brilhantes por causa do encontro com o Dr. Chato. Eu saí, me encontrei com alguns amigos no centro da cidade. Nós fomos em alguns clubes, ficamos destruídos, passamos mais algum tempo juntos e cheguei em casa por volta das duas. É isso?

— Não totalmente. Preciso de nomes e informações de contato dos seus amigos.

Kiki encolheu os ombros, deu nomes e números de *tele-links.*

— Você não gostava de Ava?

— Não era meu tipo, só isso. Uma pena que ela esteja morta e tudo mais. O Santo Jack provavelmente surtou quando ela não quis transar e a

obrigou. — Agora, aqueles olhos brilharam. — Mas já que eu não estava lá, eu não sei. Ava e eu não éramos amigas, então não entendia o que ela gostava. Se você precisar de mais, você terá que me encontrar mais tarde. Estou atolada.

— Obrigada pelo seu tempo.

— Tanto faz.

Eve esperou alguns segundos, depois caminhou até a porta e saiu. Ela viu Kiki no final do corredor em uma conversa intensa com Leah Burke. No momento em que Leah viu Eve vindo em sua direção, ela apertou uma mão no braço de Kiki para silenciá-la e foi até ela. — Tenente, posso ajudá-la?

— Eu gostaria de falar com Rodney.

— Ele não voltou do seu intervalo. — Ela verificou o relógio de pulso.

— Ele deve voltar em apenas mais alguns minutos. Ele é muito pontual.

— Tudo bem, vou falar com o Dr. Pratt.

— Ele ainda está com um paciente. Eu não posso...

— Eu vou ser breve. Tenho certeza de que todos ficaremos felizes quando isso acabar. Antes de você interrompê-lo, a que horas você deixou a clínica noite passada?

— Eu? Ah, logo depois das cinco.

— Ava ainda estava aqui?

— Não, ela tinha acabado de sair. Eu, ah, a apressei para ir, na verdade,

para que ela pudesse se preparar para o encontro. Eu fechei ontem à noite.

— Você foi a última a sair?

— Isso mesmo.

— E para onde você foi?

— Eu fui para casa. Eu, ah, andei para casa, me troquei, fiz o jantar.

— Você não saiu novamente?

— Não.

— Fez ou recebeu chamadas, teve algum visitante?

— Não, foi uma noite tranquila. Tenente, eu também tenho pacientes.

— Ok. Eu só tenho mais alguns membros da equipe para falar e ficarei fora de seu caminho.

Eve voltou para o escritório de Slone. Collins, Burke e Kiki, ela pensou, estavam no topo da lista de suspeitos. Ela escaneou os dados de Silas Pratt, mas ele não manteve ela esperando muito.

Ele entrou, um homem nitidamente bonito com um ar de confiança.

Seus olhos eram uma explosão de laser azul, e ela podia admitir que eles lhe deram uma sacudida. Quando ele ofereceu sua mão, ela se permitiu pensar apenas isso: Aqui está um homem de aparência bonita com olhos assassinos.

Ele sorriu para ela. — Tenente, eu sou Silas Pratt.

O coração dela bateu um pouco mais forte quando ele apertou sua mão.

Ela sentiu a sonda de seu olhar, e sim, de seu poder, como calor ao longo de

seu cérebro. — Sente-se, Dr. Pratt — ela disse e tirou sua mão da dele.

— Você pode me dizer se você tem alguma pista? Além de Jack.

Ninguém que o conheça acreditará que Jack fez isso com nossa Ava.

— Você só o conheceu há algumas semanas.

— Isso é verdade. Peter o recrutou, mas eu gosto de pensar que sou um bom juiz de caráter. O que estão dizendo que foi feito com Ava, bem, é monstruoso, não é? E com alguém tão jovem, tão vibrante.

Agora ele se sentou e passou uma mão sobre aqueles olhos potentes.

— Eu pensava nela quase como uma filha.

— Você não tem filhos. De acordo com seus dados oficiais.

— Não. Mas era fácil sentir um tipo de carinho paterno por Ava.

— Não quero me intrometer mais do que o necessário. — E ela queria ir embora, Eve admitiu. Havia um calor na sala agora, uma espécie de queima no ar. — Quando você saiu ontem?

— Cerca de quinze para as cinco. Ava estava se preparando para sair, eu me lembro. Leah estava dizendo para ela ir. Ela e Jack.. bem, você sabe sobre tudo isso.

— Sim. Você aprovava isso? Um dos seus médicos namorando sua gerente.

Ele ficou surpreso com a pergunta, até mesmo perplexo. — Ambos eram adultos e, francamente, eles pareciam apaixonados desde o primeiro

minuto que se viram.

— Onde você foi quando saiu?

— Para casa, para variar. Minha esposa e eu fizemos um pequeno jantar na noite passada. Para alguns amigos.

— Peço desculpas, mas é rotina. Preciso de nomes e números de contato.

— É claro. — Ele sorriu para ela. — Não há necessidade de se desculpar. — E ele deu-lhe seis nomes. Ela agradeceu, dispensando-o. Em seguida, adicionou esses nomes à sua lista de suspeitos.

## CAPÍTULO oito

oarke providenciou almoço para ele e Isis na suíte do hotel, e passou R os quarenta minutos comendo comida que não lhe interessava enquanto conversava educadamente com uma bruxa.

— Quando foi a última vez que você dormiu? — Isis perguntou a ele.

— Suponho que fazem cerca de trinta e duas horas agora. Ela vai se forçar até cair, você vai ver. Eve.

— E você relaxa e entretém-se?

— Mais frequentemente do que ela. Mas não, neste caso, neste caso particular, suponho que vamos ambos se forçar. O tempo dela acabou, então, se você já terminou, eu a levarei até a suíte 606.

— Primeiro. — Ela se levantou, caminhou até ele e colocou a mão em

sua cabeça. — Não, relaxe, apenas por um momento. Limpe sua mente. Você pode confiar em mim.

Um fluxo quente, pensou. Não o rápido estalido de energia que vinha de um estímulo, mas mais de uma força de energia lenta e constante.

— Melhor?

— Sim, obrigado.

— Não vai durar muito, mas entre isso e o pouco que você comeu, isso deve ajudá-lo. O que você precisa é de um pouco de descanso. — Ela pegou sua mochila. — Estou pronta.

Ele a levou até o elevador.

— Você disse que há um elevador privado que se abre na suíte, bem como portas para os corredores.

— Isso mesmo.

— Eu quero ver de fora primeiro. Eu quero atravessar a porta, não através de uma máquina.

— Tudo bem. Sexagésimo andar — ele ordenou. — Entrada principal.

— Eu vou pedir a você que o que quer que aconteça, não me deixe sozinha.

— Eu não deixarei. — Quando as portas do elevador se abriram, Roarke pegou sua mão.

As pegadas sangrentas ainda seguiam pelo tapete. Os esfregaços de

sangue danificaram as paredes onde Jack tinha esticado a mão para pegar equilíbrio. Na mão de Roarke, os dedos de Isis ficaram tensos.

— As pessoas pensam nisso como um clichê. — Ela olhou para a porta onde a mancha de sangue formava um seis no zero do meio. — Mas isso tem poder e significado. Isso deve ser limpo. . tudo isso. . com água abençoada o mais rápido possível.

Roarke deu um passo à frente e pegou sua chave mestre. Eve saiu do elevador com uma represália.

— Espera. Eu não lhe disse para esperar?

— E eu esperei. — Roarke virou-se para ela, seu olhar tão gelado quanto o dela estava quente. — Você está atrasada.

Ela colocou-se entre ele e a porta. — Eu sei quem fez isso. Pelo menos conheço alguns deles. Posso acabar com isso sem bruxarias.

— Prazer em vê-la novamente, Eve.

Eve deslocou seu olhar para Isis. — Sem ofensa. Agradeço que esteja disposta a ajudar e, de fato, tenho algumas dúvidas que você possa responder. Você não precisa ver o que está lá dentro.

— Já vi um pouco disso, através dele e agora através de você. Vi o que está preso em suas mentes. Mas eu não posso sentir, a menos que eu entre. Não consigo sentir nem ver o que ela viu e sentiu, a menos que eu entre. Eu talvez possa ajudar, ou talvez não, mas ele precisa disso.

Isis pegou os braços de Eve para que por um momento ela ficasse como um elo entre Eve e Roarke. — Você sabe disso.

Eve pegou a chave mestre e virou-se para a porta. — Quando eu disser que acabou, acabou — ela afirmou.

Roarke enfiou o amuleto de proteção no bolso quando ela destravou a porta.

Ela entrou primeiro. — Acender luzes. — Ela se virou rapidamente quando ouviu Isis soltar um suspiro rápido e estremecido. Mas Isis estendeu a mão e deu outro passo para a sala.

— Ainda permanece o cheiro, e vai permanecer até que seja limpo. Ninguém pode ficar aqui até fizerem uma limpeza. Você sentiu isso, não foi? Este não é o trabalho de um amador, e não é o trabalho vil de alguém que só busca sangue e morte por sua própria causa. Isso é poder e propósito, e isso trouxe a escuridão.

— Você vai me dizer que eles invocaram Satanás?

Isis virou seus olhos negros para Eve. — Eu imagino que ele tem coisas mais importantes a fazer do que responder a uma convocação. Mas o mal pode ser chamado e pode ser alimentado. Você não pode fazer o que faz e acreditar que seja de outra forma. Ou ver o que você vê.

Ela olhou para o pentagrama, e as piscinas e rios de sangue que o lavavam. — Ela não me conhece, nem no corpo nem no espírito. Preciso de

um pouco de seu sangue. Pegue-o, enquanto eu me preparo.

Ela se ajoelhou e começou a tirar itens da mochila.

Eve disse: — Droga — mas ela se esquivou para pegar cotonetes das cortesias do banheiro.

— Eu precisarei de três. Cabeça, coração, mão. — Isis arranjou velas, cristais, ervas.

Embora ela tenha revirado os olhos, Eve cruzou o pentagrama. Se ela sentiu uma atração quando ela entrou nele, ela a ignorou deliberadamente.

Ela lançou uma olhada para Roarke enquanto ela passava os cotonetes. — Se alguma vez vazar que eu não só permiti como também participei de alguma merda de bruxaria...

Ele se agachou ao lado dela, pegando sua mão livre. — Meus lábios estão selados enquanto você quiser que eles estejam. Eu devo a você por isso.

— Pode ter certeza que deve.

— Você está tão cansada, querida Eve. — Antes que ela pudesse fugir, ele se inclinou para ela, roçando seus lábios com os dele.

— Há poder aí também — Isis murmurou. — Nós precisaremos disso. Acenda as velas, por favor, e fiquem comigo. Juntem-se comigo enquanto eu traço o círculo. Se apressem. Não posso ficar aqui por muito tempo.

— O poder de três na luz — ela disse enquanto Roarke acendia as velas.

— O poder de três em carne. — Ela pegou um saco e traçou um círculo de sal ao redor deles. — Ordeno que as luzes sejam apagadas — ela ordenou, e quando apenas as velas estavam acesas na sala, ela começou a cantar em um idioma que Eve não reconheceu.

Com uma faca curvada, ela se virou, como o ponteiro de uma bússola.

Seu rosto brilhava; seus olhos queimavam. Ela colocou cristais nos pontos da bússola do círculo e, em seguida, jogou ervas na água que ela derramou em uma pequena tigela de cobre.

Se era pela fadiga ou pelo poder da sugestão, Eve sentiu algo frio, frio, brutalmente frio empurrando contra o ar.

— Isso não pode entrar no que é luz. Isso não pode entrar no que é luminoso. E não abriremos! — Isis levantou as mãos e seu bíceps estremeceram com a tensão. — Eu sou filha do sol, irmã da lua. Sou filha e serva da deusa. Neste lugar, a esta hora, invoco seu poder. Em mim, nos meus, traga a luz e a vista divina. Deixe o espírito assassinado livre, envie sua essência para mim.

— O poder de três, pelo sangue dela.

Isis besuntou o sangue de Ava em sua testa, em seu peito, em sua mão.

E caindo de joelhos, ela estremeceu. Seus olhos brilhavam como vidro preto enquanto seu rosto ficava branco como cera. Terror estava gravado em suas feições. Eve e Roarke caíram ao lado dela. Suas mãos agarraram as deles,

seus dedos apertados como fios.

— Ela está em algum tipo de transe. Nós temos que trazê-la de volta.

— Nós demos a nossa palavra — lembrou Roarke. — Cristo, ela está gelada como gelo.

Isis inclinou para trás até que sua cabeça quase tocou o chão. E gritou.

Por um momento louco, Eve imaginou que ela viu um corte aberto e sangue jorrando de sua garganta. E quando a bruxa caiu, Eve não estava certa se ela estava inconsciente ou morta.

— Foda-se, vamos tirá-la daqui agora.

— Não deixe o círculo. — A voz de Isis era fraca, mas seus olhos se abriram. — Não. A garrafa vermelha ali. Eu preciso dela, e uma pequena ajuda para se sentar.

Eles a soltaram e, pegando a garrafa, ela sorriu devagar. — Não é nada ilegal — ela disse, com dor e humor nos olhos. — Uma poção. Sempre há um preço pelo poder.

— Você está com dor — Eve disse sem rodeios. — Precisamos tirá-la daqui.

— O círculo precisa ser fechado quando foi aberto. Devidamente.

Então, sim, todos precisamos sair daqui.

Quando terminou e suas ferramentas foram reunidas novamente, Isis inclinou-se sobre Roarke enquanto Eve voltava a fechar a porta.

— Podemos voltar para onde almoçamos? Eu vou te dizer o que posso dizer, mas quero estar longe daqui.

Na própria suíte, Roarke a ajudou a ir ao sofá, ajeitando travesseiros atrás da sua cabeça. — Do que você precisa? — ele perguntou a ela.

— Uma taça de vinho realmente grande.

— Eu posso conseguir isso para você. Tenente?

— Café. Eu entendo que você é sensitiva — Eve começou, — e você acredita, acredita firmemente na sua.. fé.

— Você às vezes ouve os gritos dos mortos. Sente sua dor e sabe o que eles necessitam de você. Não estamos tão distantes. — Isis fechou os olhos por um momento, abrindo-os quando Roarke trouxe seu vinho. Ela bebeu lentamente, como ela tinha feito com sua poção. — Ela era uma criança adorável. Eu vi um pouco do que eles fizeram com ela. Não tudo, eu acho, não tudo, mas o suficiente. Ela estava dentro de si mesma, gritando para sair, mas presa lá. Existem maneiras de aprisionar um espírito, com drogas e outros métodos. Ela bebeu o que eles deram a ela, comeu, deixou que a tocassem. Ela não tinha escolha. Eles a marcaram com uma serpente.

Eve pensou na tatuagem, não dizendo nada.

— Sexo por poder. Bem, para alguns deles, era apenas sexo, a ganância por isso, a maldade disso. Nada de amor, nem mesmo de luxúria. Apenas ganância, violência e poder. Aquele que eles trouxeram para ela primeiro,

não era um deles. Estava preso como ela. Havia algo ali.

Isis tocou uma mão em sua testa, bebendo mais vinho. — Havia algo leve entre eles — ela continuou. — Leve e novo, distorcido quando eles copularam. Tiraram essa luz frágil com cânticos, drogas e poder até que isso também se tornou maligno. Eles o fizeram estuprá-la, o tiraram de lá e a estupraram repetidas vezes enquanto ela se encontrava incapaz de lutar, resistir. E seu espírito estava preso gritando, gritando.

— Se acalme — murmurou Roarke, e pegou a mão de Isis. — Calma.

Ela assentiu, se acalmando novamente. — Eles a puxaram para cima, arrastaram-na para quem os liderava. Ela olhou para ele. Ele disse seu nome, e ela olhou nos olhos dele quando ele cortou sua garganta.

— E eles caíram sobre ela como bestas. Não aguento mais. Eu não consigo suportar isso.

Eve levantou-se e se afastou enquanto Isis chorava em absoluto silêncio, enquanto Roarke estava sentado com ela, segurando sua mão. Ela caminhou até as amplas portas de vidro, abriu-as e saiu no ar da primavera que zumbia como uma colmeia louca da cidade.

Quando Roarke veio, ela continuou a olhar para os grunhidos do trânsito, a correria das pessoas abaixo. — O que eu devo fazer com isso? — ela exigiu. — Ir à promotoria e dizer que eu quero prender essas pessoas porque uma bruxa se comunicou com o espírito trágico da vítima?

— Eve.

Ele colocou uma mão em seu ombro, mas em vez de se virar para ele, ela curvou as mãos no parapeito até formarem punhos. — Eu sei que ela não inventou isso, ok? Eu posso ser cínica, mas não sou estúpida. E fico doente ao pensar que ela viu o que viu. Ninguém deveria. Ninguém deveria ter que ver isso, sentir isso.

— Ninguém além de você? — ele perguntou, e a virou para encará-lo.

Ela balançou a cabeça. — Eu olhei diretamente nos rostos de algumas pessoas que fizeram isso com aquela garota. E olhei diretamente nos olhos de um deles, aquele que eu acho que cortou sua garganta. E por um segundo muito longo eu fiquei com medo até as minhas entranhas. — Ela soltou um suspiro. — Agora, estou apenas furiosa.

Ele pressionou os lábios em sua testa. — Então pegue-os, tenente.

— Pode apostar que vou. — Ela colocou seus braços ao redor dele primeiro, apertando-o. — Você me irritou.

— O mesmo vale para você. Agora, ao que parece, não mais. E eu simplesmente amo você.

— Ainda estou um pouco irritada. — Mas ela inclinou a cabeça para trás, olhando nos olhos dele. — Mas eu também te amo.

Afastando-se, ela voltou para Isis. — Você está firme o suficiente para olhar algumas fotos?

— Sim.

— Espero não precisar de sua declaração, sua identificação ou. . o resto disso para prender esses bastardos. Mas apenas por precaução. — Eve puxou uma pilha de fotos de identidade de sua bolsa, espalhando-as na mesa de café.

— Sim. — Movendo-se para se sentar, Isis tomou outro gole de vinho. Então, sem hesitação, apontou os assassinos de Ava.

CAPÍTULO nove

ve correu pela Central, esquivando-se de outros policiais nas
E passarelas no caminho para a Homicídios. O tempo com Isis a atrasou. Ela precisava se encontrar com Mira, examinar as anotações, organizá-las. E então falar com a promotoria para emitir mais de uma dúzia de mandados de busca.

E Deus, ela precisava de café.

Ela virou para a sala de ocorrências assim que Peabody saiu.

— Eu estava prestes a procurar por você. Peguei uma barra energética primeiro. Você quer?

Eve começou a declinar, essas coisas eram nojentas. Mas elas funcionavam. — Sim. Eu preciso amarrar algumas coisas e depois me encontrar com Mira.

Na máquina de vendas automáticas, Peabody colocou alguns créditos.

— Você quer o Razzmatazz ou o Berry Burst?

— Que diferença faz? Ambos são revoltantes.

— Eu meio que gosto do Berry Burst. — Quando Peabody fez as seleções, a máquina alegremente a felicitou por suas escolhas, e listou os ingredientes e informações nutricionais. — Eu falei com Mira já que você demorou a voltar.

— Estava resolvendo algumas coisas. Me atualize. Café.

Peabody segui atrás de Eve para o escritório dela. — Ela disse que precisava de mais trinta minutos, isso já faz cerca de cinco minutos. A vizinha do apartamento da vítima afirma que a vítima não chegou em casa depois do trabalho ontem. Ela iria ajudar Ava a se arrumar para o encontro. Cabelo, roupa, essas coisas. Ava nunca apareceu. Nada em seu apartamento indica um interesse ou conexão com o oculto. A DDE está com seus equipamentos eletrônicos.

— Ela não voltou para o apartamento porque a levaram para a clínica.

— Eve comeu um bocado da barra energética, engolindo-a com café. Ela atualizou Peabody e, como esperado, os olhos de sua parceira se tornaram grandes como planetas.

— Você. . você participou de um ritual?

— Você devia estar lá — Eve murmurou.

— Não, estou feliz em recusar. Foi assustador?

— O ponto é, mesmo que não tenha certeza de quanto peso a feitiçaria possa ter no tribunal, Isis apontou cada uma das pessoas na minha lista. Muito presunçosos eles são, com seus álibis. Dando álibis uns aos outros. Quebre um, quebre todos. Se Mira tiver algo sólido, nós os superaremos. Temos o suficiente para pressionar por uma autorização de busca na clínica e se pressionarmos direito, nas residências da equipe. Entre em contato com a promotoria. Convença eles.

— Eu? Eu? — Se tivesse sido ordenado que ela corresse nua através da sala de ocorrências, Peabody teria ficado menos atordoada. — Mas você deve fazer isso. Eles ouvem você por lá. O que eu devo fazer?

— Jesus, Peabody. Cante, dance, derrame uma maldita lágrima. Junte o pacote e faça isso. Eu tenho que encontrar com Mira em quinze minutos. Vá. Ela quase empurrou Peabody para fora da porta, e então fechou-a. Trancando-a. Ela colocou o resto da barra energética no lixo. Não estava funcionando. Ela precisava de cinco minutos, ela admitiu. Apenas cinco. Ela colocou a unidade de pulso para alarmar, sentou-se em sua mesa, pousou a cabeça nela e fechou os olhos.

Ela foi direto para baixo.

Um som a despertou, uma espécie de zumbido. Vozes baixas à distância tocavam seu subconsciente. Um jovem, bombeado de excitação.

— Olha! Carros voadores. Olhe pela janela! Isso é tão legal.

Eve se permitiu um gemido, acordando para dar uma bofetada na unidade de pulso. Abrindo seus olhos turvos, ela olhou groguemente para o redemoinho de luz azul luminosa, e o homem, a mulher e a criança em seu círculo. O instinto fez com que ela alcançasse sua arma mesmo quando ela os registrou: homem alto com muito cabelo loiro, morena magra com olhos verdes assustados e um garoto com cabelos desgrenhados.

Ela pensou que ouviu a mulher dizer: — Opa. — Então eles foram embora, e sua unidade de pulso estava tocando.

— Ok, com um sonho tão estranho, eu preciso de mais do que cinco minutos. — Ela desligou o alarme, esfregando as mãos sobre o rosto dela.

Depois de tomar o resto do café agora morno, ela reuniu o que ela precisava para Mira.

Quando ela saiu do escritório, ela lançou uma careta sobre o ombro dela. Estranho, ela pensou novamente. O dia inteiro foi estranho.

A secretária de Mira deu a Eve um olhar que transformou a sala em uma caverna do Ártico. Sabendo que o caminho para Mira estava aos pés do dragão, Eve enfrentou a fera. — Eu reclamei com você e chateei você bastante esta manhã. — Ela tirou uma das fotos da cena do crime. — Foi por isso. — E colocou na mesa.

A secretária sugou uma respiração, segurou-a, soltando-a lentamente.

— Entendi. Sim. Ela está esperando por você, tenente.

— Obrigada. — Eve pegou a foto e entrou no escritório de Mira.

Mira não estava em sua mesa, mas de pé na janela, de costas para a sala. Parecia menor de alguma forma, Eve pensou. Quase delicada em seu terninho lavanda.

— Dra. Mira.

— Sim. Um dia tão adorável. Às vezes você precisa lembrar que o mundo está cheio de dias adoráveis. Você teve um dia muito longo, não é?

— Ainda falta muito para acabar.

Mira virou-se. Seu cabelo escuro ondulava em torno de seu rosto bonito, mas seus olhos pareciam cansados e perturbados. — Por onde você quer que eu comece?

— Eu sei o que aconteceu, e eu sei quem são os responsáveis. Pelo menos os principais atuantes. Preciso saber o que foi feito para Jackson Pike e Mika Nakamura, como foi feito e quem fez isso. O que foi feito com eles também foi feito com o funcionário da recepção do hotel, e ele esmagou seu próprio cérebro com um martelo. Então eu preciso saber se isso foi feito com mais alguém.

Ao invés de sentar-se em uma de suas acolhedoras poltronas como era o hábito dela, Mira continuou a ficar de pé. — Primeiro, o exame toxicológico mostrou uma combinação de drogas em seus sistemas. Eu tenho essa lista para você. Ambos tinham um alucinógeno na corrente

sanguínea e um medicamento que às vezes usamos para controlar os pacientes com tendências violentas. Como você sabe, tanto Pike como a vítima também receberam drogas sexuais.

— Isso explicaria as dores de cabeça, a falha na memória?

— A combinação provavelmente resultaria em uma espécie de ressaca química, mas não, não a dor violenta. Pode haver pontos em branco também, mas, novamente, não, essa não é minha conclusão.

Ela sentou-se agora. — As drogas foram usadas para iniciar um processo e para aprimorá-lo.

— Eles foram hipnotizados.

— Você está um passo à minha frente.

— Não, mas espero que estejamos no mesmo ritmo. Pelo menos dois dos suspeitos são sensitivos. Eles tentaram passar através de mim. Como eu lidei com uma psíquica homicida antes, usei o mesmo método para bloqueá-los, para afastá-los. Um deles, Silas Pratt, ele é. . Olha, eu sei que você tem uma filha que é Wiccan, e eu entendo que há teorias, fé e até documentações, estudos, blá, blá. Eu não gosto muito disso. Mas esse cara?

Era difícil admitir isso. — Ele tem uma energia — Eve disse a ela.

— Você não quer usar a palavra “poder”.

— Não é preciso poder para encher pessoas com drogas ou hipnotizá-las. É uma técnica. Você usa isso. — Ela enfiou as mãos nos bolsos e

começou a andar. — Um desses bastardos é o médico do filho de Mika. Ela levou o garoto para um exame padrão há três semanas. Então, teorizamos que Pratt a hipnotizou. Talvez eles deram algo a ela primeiro para torná-la mais suscetível, mas ele a submeteu e lhe deu a tarefa. Sugestão pós-hipnótica, certo?

— Sim.

— Precisa de um gatilho, algo que ela vê, ouve. Fácil o suficiente para funcionar enquanto ela está a caminho do trabalho, talvez lhe deu uma dose de reforço. Ela entra, desliga as câmeras. Eles tiveram que chegar ao funcionário da recepção. Encontraremos a interceptação lá, mas eles o transformaram como um androide. Eles envolveram Pike e a vítima diretamente. Eles seguiram tudo como cachorrinhos. Eles estão chapados até então e sob...

— Um feitiço?

— Se essa é a palavra. Pike saiu como o culpado, com esse gatilho ainda apontando em sua cabeça. A dor é impossível, e tentar lembrar torna-a excruciante.

— Eu acredito que se você não os tivesse trazido até mim, para um ambiente médico e controlado quando você o fez, eles teriam terminado como o funcionário da recepção. Eu tive que usar essa dor para tentar chegar ao gatilho. Está... difícil.

Compreendendo, Eve moveu-se para o AutoChef de Mira. — De que é esse chá que você sempre está bebendo?

Mira conseguiu dar um sorriso. — Varia. Acho que o de jasmim seria bom. Obrigada.

Eve programou uma xícara, trouxe para Mira, e sentou-se. — Você não está machucando eles. Você sabe disso. A pessoa que ativou o gatilho está.

— Eles, ambos, me imploraram para matá-los. — Mira sorveu o chá, depois se recostou devagar na cadeira. — Foram necessárias horas para encontrar o método certo para diminuir a dor. Não parou, ainda não, mas diminuiu do desumano ao horrível. O suficiente para que Jack se lembrasse um pouco. Ele lembrou que o Dr. Pratt o chamou para o escritório dele no final do dia. Ele não tem certeza da hora, está meio nublado, mas ele acha que foi depois do último paciente. Pratt deu-lhe uma xícara de café, e depois que ele bebeu, fica mais confuso. Ele lembra de estar em uma limusine com Collins e Ava. Ele acha que havia mais gente. Gravei tudo, é claro. Ele lembra-se de ter relações sexuais com Ava.

— Ele se lembra do assassinato?

Com os olhos perturbados, Mira balançou a cabeça. — Ele está reprimindo. Mesmo sem o gatilho, sua mente não está pronta para ir até lá. Depois ele se lembra de acordar em uma cama, coberto de sangue, e uma

mulher que ele chamou de Leah sentada ao lado dele, chorando.

— Leah Burke. Bom, isso é bom. Eu posso quebrá-la, e ela vai levar todos com ela.

— Não era apenas uma jovem morta naquela suíte, Eve. Partes das duas pessoas que eu tenho sedado e restringido para sua própria segurança foram mortas lá. Quando eu encontrar o caminho para remover o gatilho e eles se lembrarem do que foi feito, de seu papel nisso, mesmo que involuntariamente, eles nunca mais serão os mesmos.

— Você vai ajudá-los a lidar com isso, ou encontrar alguém que os ajude a lidar com isso. É o que você faz.

— Pegue-os, Eve. Derrube-os duramente. Quando eu puder dizer a Mika e Jack que está acabado, poderemos começar com a cura.

Em todo o tempo que elas trabalharam juntas, Mira nunca pediu isso.

Eve levantou-se. — Como você disse, está um dia adorável. Antes dele terminar, eles estarão abatidos.

Quando ela saiu, Eve pegou o comunicador para entrar em contato com Peabody. — Mandados de busca?

— Consegui da clínica. Eu só preciso..

— Dê uma parada nisso. Temos uma testemunha que coloca Leah Burke na Suíte 606. Nós a traremos para cá. Reserve uma sala de entrevistas.

— Você quer que eu a pegue?

— Veja como é que vai ser. Dois policiais vão buscá-la. Se ela ainda não estiver em casa, preciso saber o mais rápido possível. Ela não está presa, e não devem ser lidos os seus direitos. Entendido?

— Entendido.

— Ela é necessária aqui para mais questionamentos. Isso é tudo o que eles sabem. Ela não deve entrar em contato com ninguém. Ela não está presa. Vou terminar com os mandados de busca.

Eve ainda estava listando os nomes para a promotoria quando se aproximou da Homicídios. O que soou como um pequeno tumulto fez com que ela acelerasse seus passos.

Então ela sentiu o cheiro da pizza. — Sim, eu quis dizer até mesmo a casa no Caribe. Tenho a maldita causa provável. Eu tenho declarações de testemunhas, e dentro de duas horas eu vou entregar uma confissão em uma maldita travessa que derrubará todos os filhos da puta da lista que acabei de lhe dar. Eles vão ter que fazer aquelas merdas de feitiçaria trancafiados — Eve disse encontrando os olhos de Roarke enquanto entrava na sala de ocorrências. — Porque eles acreditam nisso. Uma dúzia de lâminas foram usadas na vítima. Nós vamos encontrar algumas, a maioria, ou todas elas. Ela desligou. — Achei que você voltaria depois de deixar sua bruxa em casa.

— Você não comeu. — Ele pegou uma caixa de pizza enquanto seus

homens pululavam como formigas sobre as outras cinco que ele trouxera.

— Agora coma.

Ela agarrou uma fatia, dando uma enorme mordida. — Oh. Deus.

Muito bom. — Ela engoliu em seco, e pegou outra. — Eu os peguei.

— Eu posso ver isso. Posso assistir?

Ela pegou a lata de Pepsi que ele ofereceu, engolindo. — É um bom suborno. Fique na Sala de Observação.

## CAPÍTULO dez

enovada e revigorada, Eve estava com Roarke na sala de Observação R e assistiu Leah passar para a sala de entrevistas em seu terninho elegante.

— Ela já está suando. Dez minutos, e ela já está suando. Ela está assustada e se sentindo culpada, e os médicos não estão aqui para lhe dizer o que fazer, o que dizer.

— Por que ela? De todos eles?

— Ela chorou. — Ela olhou quando Mira entrou.

— Disseram que você está com um deles — disse Mira. — Eu queria ver por mim mesma.

— Ainda não a prendi. Escute, vou pedir-lhe para não ligar o áudio até que eu lhe dê a indicação. Na verdade, não estou pedindo. Eu tenho que começar.

— Eu vou poder ver Mika? — Roarke perguntou a Mira depois que Eve saiu.

— Ainda não. Ela está confortável por enquanto. Falei com o marido dela.

— Eu também. Existe alguma coisa que eu possa fazer por ela?

— Haverá. — Mira colocou uma mão sobre a de Roarke, e assistiu Eve entrar na Sala de Entrevistas. — O que ela vai dizer precisa estar fora dos registros. Pelo menos para os meus ouvidos.

— Você se opõe?

— Não. — Mira olhou para Leah Burke através do vidro. — Não, eu não.

Lá dentro, Leah girou em direção a Eve. — Exijo saber por que fui trazida aqui e porque estou sendo tratada dessa maneira. Tenho direitos. Eu tenho. .

— Cale a boca. Você não tem nada aqui até eu dar a você. Sente-se.

As palavras, o tom, fizeram o corpo inteiro de Leah se encolher. — Eu não vou..

— Eu vou acabar com você, sua vaca. Acredite.

A ameaça, tão quente e dura nos olhos de Eve, fez Leah sentar diante da mesa pequena. — Você perderá seu distintivo. — Mas sua voz tremia, apenas um pouco. — Ou pior. Há leis.

Eve bateu os dois punhos na mesa, o suficiente para que Leah cobrisse o rosto em defesa. — Leis? Aposto que você estava pensando em leis quando Ava Marsterson estava sendo mutilada até a morte. Jack se lembrou, Leah.

— Ela se aproximou e estalou os dedos na frente do rosto de Leah. — *Boom*. Feitiço quebrado. Você tem uma chance. Uma, ou então eu passo para o próximo. Mas eu vou machucá-la primeiro.

— Você não pode me tocar. Você não pode colocar suas mãos em mim.

Eu quero. .

— Eu sei como machucá-la para que não apareça. — Eve deixou o calor arder em seus olhos enquanto ela circulava a mesa. — Sua palavra contra a minha. Policial condecorada contra uma suspeita de homicídio. Adivinhe em quem eles vão acreditar? Eu não coloquei isso para gravar. Eu não li seus direitos. E estamos sozinhas aqui, Leah. Uma chance até que eu ligue o gravador. Você não aceita, eu passo para Kiki ou Rodney, para a esposa de Larry e assim por diante, e você vai para uma jaula chorando com a dor.

— Todo mundo recebe uma chance. Pegue-a, e eu negociarei assassinato em segundo grau. Você passará a vida na cadeia, mas você vai fazer isso nesse planeta. Rejeite e você descobrirá o que o inferno é realmente, porque você estará em uma jaula de concreto em uma colônia penal fora do planeta onde eu pessoalmente espalharei o boato de que você gosta de mexer com criancinhas. Você sabe o que os bandidos gostam de

fazer às pessoas que mexem com criancinhas?

— Eu nunca toquei em uma criança...

— Eu vou mentir. — Eve sorriu. — E eu vou adorar. Uma chance, e se você pedir um advogado, está acabado. Você só tem essa chance porque Jack tem o coração mole o suficiente para achar que você se sentiu muito mal com o que aconteceu. Eu? Espero que você rejeite para que eu possa aguardar os relatórios sobre quantas maneiras inventivas os outros marginais e os guardas estuprarão você durante os próximos, oh, cinquenta anos.

Ela aproximou-se da mesa, sussurrando na orelha de Leah. — Eles encontram maneiras de obter ferramentas afiadas e perigosas nessas prisões, Leah. Eles vão entalhar e cortar você, deixá-los costurá-la de novo apenas para que eles possam entalhar e cortar um pouco mais. Quanto mais você implorar, mais eles vão gostar.

Ela observou lágrimas nas mãos tremendo de Leah, na superfície áspera da mesa. E pensando em Ava, ela não sentiu pena. — Ela confiou em você, sua vaca.

— Por favor. Oh, por favor.

— Vá se foder. — Eve caminhou até a porta e saiu. Ela respirou fundo, sinalizando para Peabody. — Vamos lá. — Voltando, ela acenou com a cabeça para o vidro de observação. — Ligar gravador. Tenente Eve Dallas. .

— Por favor, por favor. Eu vou te contar tudo.

— Ei, ótimo. — Eve deslizou na cadeira, calma e serena. — Vamos deixar tudo no registro primeiro e ler os seus direitos.

Quando terminou, ela assentiu com a cabeça para Leah. — O que você quer nos dizer, Sra. Burke?

— Eu não sabia que seria assim. Juro, juro que não sabia.

— Não sabia o quê?

— Tanto sangue. Eu nunca pensei que eles realmente a matariam.

— Seja mais específica.

— Eu achei que seria uma morte simbólica.

— Papo furado. — Eve recostou-se na cadeira com o aviso em seus olhos claros. Minta e seu único acordo morre. — Você sabia exatamente o que ia acontecer, e quando isso aconteceu, você não conseguiu lidar com isso. Se você quer que eu vá para a promotoria e diga que você veio aqui, que você confessou, deu os detalhes e sentiu remorso, não se atreva a mentir para mim. Você participou do ritual de assassinato de Ava Marsterson?

— Sim. Eu não entendia. Acredite, eu não entendia. Eu achei que sim, mas... ela não aceitou, e tampouco Jack. Não como Silas disse que eles iriam.

— Silas Pratt participou do assassinato de Ava Marsterson?

— Ele cortou a garganta dela. Ela ficou de pé, e ele cortou sua garganta, e o sangue jorrou dela. Ela não aceitou. Ela não sabia o que estava

acontecendo, então como poderia aceitar?

— Aceitar o quê?

— Seu sacrifício. Que ela seria a oferenda.

— A oferenda para quem?

— A nossa oferenda para o príncipe. Para Lúcifer.

— Há quanto tempo você é uma satanista?

— Eu não sou uma satanista. Eu sou uma discípula do Único.

Eve pausou um momento, sem saber se ela estava divertida ou irritada com o insulto evidente na voz de Leah. — Ok. E o Único exige o assassinato de inocentes?

— Seu Deus matou minha filha. — As mãos de Leah se fecharam em punhos, bateram levemente na mesa. — Ele a levou, e o que ela fez? Ela era apenas um bebê. Eu encontrei meu caminho de volta. Encontrei minha força e meu propósito.

— Silas Pratt mostrou o caminho de volta.

— Ele é um grande homem. Você nunca entenderá. Um homem de poder. Você nunca o segurará com suas leis lamentáveis e suas prisões.

— Mas ele mentiu para você, este grande homem, esse homem de poder — Peabody interviu. — Ele mentiu sobre Ava e Jack.

— Não, eu acho. . não, ele não mentiria. Eu acho que ele calculou mal, só isso. Ela simplesmente não estava pronta. Não era tão forte quanto Silas

pensou. Ou talvez seja eu. Talvez eu seja fraca. Não consegui suportar o que eles fizeram com ela.

— Diga-me quem são eles. Os nomes de todos os que estavam na Suíte 606. — Silas e sua esposa, Ola. Larry.. Dr. Collins e sua esposa, Bria. — Em uma voz aborrecida e vazia, ela deu a Eve uma dúzia de nomes além do dela. — E Ava e Jack.

— Dr. Slone?

— Não. Peter e os outros da clínica que não estavam lá não são discípulos ou sacerdotes. Isso é importante, Silas acha, que exista aqueles que não fazem parte de nós... e para saber quem está aberto à nossa fé e quem está fechado. Todos os que são do nosso grupo participaram. Foi um ritual importante, uma celebração.

— Uma celebração?

— Sim. Foi o aniversário de Silas.

— Eu vi em seus registros. Não era o aniversário dele.

— A data do seu renascimento no Único.

— Certo. — Eve voltou a sentar-se. — Por que Ava e Jack?

— Ava era a oferenda. Silas a reconheceu como tal no dia em que ela entrou para ser entrevistada para o cargo. E Jack. . a energia sexual entre eles seria um elemento vital para o ritual.

— Por que aquele lugar?

— Nós tínhamos considerado outros locais, mas... um palácio, parecia ser o certo. E a conexão de Larry com a chefe da segurança nos deu o caminho para dentro. Eu sou apenas uma discípula. Eu não planejo. — Ela cruzou as mãos agora, inclinando a cabeça. — Eu sigo.

— Você os seguiu naquela suíte. Mas primeiro você ajudou a drogar Ava e Jack na clínica.

— Nós lhes demos o que os abriria para o próximo ritual, o que os ajudaria a aceitar e abraçar o poder de Silas.

— Ele usou hipnose, Leah, além dos alucinógenos.

Lágrimas continuaram a se reunir e derramar. — Você não entende. Você é fechada.

— Bem. Você usou substâncias químicas para abrir Ava e Jack, sem o seu conhecimento ou permissão.

— Sim, mas...

— E uma vez que estavam sob essa influência, você os levou para o hotel. Correto?

— Sim.

— E lá, Mika Nakamura e Brian Trosky também foram drogados e abraçados pelo poder de Silas. Esse poder os fez desligar as câmeras de segurança do lobby e dos elevadores para o sexagésimo andar. Também, como foi feito com Jack, fez com que eles esquecessem o que havia sido feito

ou sofreriam de dor.

— A dor vem apenas se eles se recusam a aceitar, apenas para ajudá-los...

— Dentro daquele lugar, você comeu e você bebeu, você se engajou em atividades sexuais.

Cor corou suas bochechas. Era incrível, Eve pensou, que assassinos ficassem embaraçados.

— O sexo é uma oferenda.

— Ava não se ofereceu, não é? Depois de vocês terem festejado e ficarem acesos, pintaram seu pentagrama, acenderam suas velas, disseram o que quer que vocês digam, vocês estenderam uma mulher drogada, desamparada e nua no chão e disseram a um homem drogado e indefeso que a estuprasse. Ele gostava dela. Eles gostavam um do outro, não é verdade?

— Sim, sim, mas...

— E quando ele terminou o que ele nunca teria feito por sua própria vontade, o resto de vocês a estupraram.

— Sim. — Lágrimas derramavam de suas bochechas. — Todos deveriam tirar da oferenda e dar de nós mesmos. Mas eu senti...

— O quê?

— Frio. Tão frio. Não o calor, nem o fogo, mas gelo. Eu a ouvi gritando na minha cabeça. Juro que a ouvi. — Ela cobriu o rosto com as mãos. —

Mas ninguém escutou. Eles a levantaram. Kiki e Rodney. Silas entrou no círculo, e o frio, o frio era terrível. Ela gritava como espinhos na minha cabeça. Mas ninguém a ouvia. Ele cortou sua garganta, e seu sangue jorrou nele todo. Todos correram para a frente quando ela caiu para tomar mais sangue, para fazer mais sangue. Jack desmaiou, então eles o cobriram com o sangue dela. Eles o levaram para o andar de cima, deixaram-no na cama enquanto eles terminavam com ela. Larry me disse para subir, pegar uma das facas e colocá-la na mão de Jack, e dar-lhe outra rodada de drogas para que ele tivesse uma overdose.

— O plano era matar Jack, deixá-lo para trás, então pareceria que ele tinha matado Ava.

— Sim. Sim. Mas eu não pude. Eu não poderia dar mais a ele. O sangue dela estava nas minhas mãos e eu podia ouvi-la gritar. — Ela pousou a cabeça e chorou.

— Dê cinco minutos para ela se recompor — Eve disse a Peabody. — A acusação é assassinato em segundo grau, duas acusações — ela acrescentou, pensando em Trosky. — As acusações adicionais são sequestro, duas acusações, estupro, indução de substâncias químicas sem consentimento ou conhecimento, incluindo drogas ilegais. Faça ela ser fichada e trancafiada. Eu vou conseguir o resto dos mandados.

*** * ***

A falta de sono não abrandou os passos de Eve enquanto caminhava até a porta da frente de Silas Pratt. Uma casa grande e chique, ela notou. Bem, ele a veria pela última vez. O androide que atendeu a olhou debaixo de seu nariz. — O Dr. e a Sra. Pratt não estão disponíveis neste momento. Deixe seu nome, indique o assunto e. .

Ele não chegou mais longe quando Eve o empurrou de lado. — Desligue essa coisa — ela ordenou aos policiais que seguiam atrás dela e Peabody. Ela entrou na espaçosa sala onde o médico e sua esposa bebiam martinis.

— Exatamente qual é o significado disso? — Silas exigiu enquanto se levantava.

— Lide com a mulher, Peabody. Ele é meu. Silas Pratt, você está preso. As acusações são assassinato em primeiro grau pela morte de Ava Marsterson, um ser humano. Assassinato em primeiro grau pela morte de...

— Isso é um absurdo. Você é um absurdo.

Eve sentiu aquela energia dele, aceitando o gelo que cobriu a barriga dela. Até mesmo o acolheu. — Não interrompa. Resista, por todos os meios, porque eu adoraria passar os próximos minutos chutando sua bunda. Jesus, Peabody, você não pode calá-la?

— Ela é uma gritadora — disse Peabody com alegria enquanto passava uma Ola histérica para os policiais à espera.

— Agora, onde eu estava? Ah, sim, a morte de Brian Trosky, outro ser humano. Temos acusações de sequestro, uso de drogas ilegais, fraude, abuso médico e apenas por diversão, destruição de propriedade. Vocês destruíram gravemente aquela suíte. Você tem o direito de permanecer calado — ela começou.

— Você pode ir para o inferno.

— Obrigada, mas Nova York está perto o suficiente para mim. — Ela agarrou um de seus braços para puxá-lo atrás de suas costas quando ela leu o resto dos seus direitos. Quando ele tentou sacudi-la para longe, ela se deu o prazer de bater o calcanhar de sua bota no peito do pé dele. Ele a amaldiçoou, grunhindo para ela enquanto ela colocava as algemas em seu pulso. — O que é isso, latim? Grego? Ou isso é tudo inventado?

Ele lutou enquanto ela empurrava ele através da sala, o que, ela pensou, ela poderia argumentar que era a razão pela qual sua cabeça bateu no batente da porta. — Caramba, eu aposto que você vai ter uma dor de cabeça agora. Pare com isso, antes que você se machuque.

— Eu vou beber o seu sangue em um copo de prata.

— Isso é simplesmente nojento. — Ela moveu a boca para perto de sua orelha. — Você não tem nenhum poder aqui, imbecil. Sendo preso, arrastado para fora da sua casa elegante em frente aos seus vizinhos sofisticados, e ei, olha, é o Canal 75. — Ela sorriu, acenando sua cabeça ao seu contato que

ela havia trazido da mídia. — Nada como a humilhação para abater o poder. Aposto que até mesmo o próprio diabo está envergonhado.

Ela o empurrou na parte de trás do carro da polícia. Ela colocou óculos escuros sobre sua cabeça, sobre seus olhos. — Lembrem-se que ele é sensitivo — ela disse aos policiais que ela colocou no comando. — Ele vai diretamente ao isolamento.

Ela bateu a porta, colocando as mãos nos quadris. — Vá para casa, Peabody — ela disse quando sua parceira pisou ao lado dela e bocejou até que sua mandíbula estalou. — Durma um pouco.

— Eu mal posso esperar por isso. Que dia, hein?

— Sim, que dia. — Eve ficou onde estava, observando Roarke vir até ela. Puxa, ela pensou, ele era lindo. E percebeu que a privação do sono tinha afetado seu cérebro.

— Eu imagino que esta prisão estará passando nos noticiários por algum tempo.

— Isso é entretenimento. — Eve deu um sorriso rápido.

— Por favor, me diga que você não vai fazer todas as outras prisões pessoalmente e depois lidar com a papelada que se segue esta noite.

— Não, eu só queria essa particularmente. Eu deleguei as outras, e a papelada aguardará até amanhã. Estou muito perto de cair de cara no chão.

Ele colocou seus braços em volta dela, divertido que ela estava cansada

o suficiente para não resistir, mesmo que algumas pessoas dos meios de comunicação tivessem permanecido. — Eu quero ir para casa, dormir com minha esposa. Por dias.

— Dormir por oito horas seguidas?

— Combinado.

Com os braços em volta da cintura um do outro, eles caminharam até o carro. Roarke ficou atrás do volante; Eve deslizou no banco do passageiro. E, ele observou, começou as oito horas imediatamente.

## Epílogo

ack sentou-se na cama quando Eve entrou na sala de tratamento. Ele J estava pálido, e hematomas de fadiga cobriam seus olhos. Sem dúvida, ela teve uma noite mais repousante do que ele. — Médica? — ele perguntou.

— Tenente. Tenente Dallas. Você se lembra de mim?

Ele olhou para ela por um momento. — Sim. Eu lembro. — Ele levantou uma mão, um sinal para esperar. E fechando os olhos, respirou fundo. — Eu lembro. Você estava no hotel, mas não, não naquela suíte. E você estava falando comigo em outra sala. Na delegacia de polícia. Estou preso?

— Não, Jack. Eu sei que você está trabalhando com a Dr. Mira. Ela disse que você está melhor do que estava, e você ficará melhor ainda.

— As drogas estão fora do meu sistema. Isso ajuda. As dores de

cabeça. . não está tão ruim. Ava está morta. Eu estava lá. — As palavras tremiam. Mais uma vez, ele fechou os olhos, respirando fundo. — Eu estava lá. Eu a estuprei.

— Não, você não fez isso. Eles usaram vocês dois. Você é um médico, Jack. Eu sei que Mira disse o que eles deram a você, e você sabe o que essas substâncias químicas podem fazer. Você foi drogado, submetido a hipnose. Sequestrado. Nada disso que aconteceu foi sua culpa ou responsabilidade. Você foi uma vítima.

— Eu estou vivo. Ela não está.

— Eu sei. Isso é difícil. Você tem medo de lembrar, medo de se perguntar se você usou a faca que estava na sua mão.

Seus olhos encheram de água e as lágrimas escorreram. — Como eu posso viver com isso? O que quer que eles me deram, o que quer que eles fizeram, como posso viver com isso?

— Você não precisa. Você não usou a faca. Eu tenho uma série de declarações de pessoas que estavam lá, que estavam envolvidas. Cada uma delas diz que você desmaiou. Eles colocaram a faca em sua mão quando você estava no andar de cima, inconsciente.

— O sangue. O sangue dela.

— Eles colocaram em você. Você deveria morrer, segurando a faca, coberto com seu sangue. Haveria dúvidas, com certeza, muitas perguntas.

Como quem mais estava com você. Eles tinham duas outras pessoas que acreditavam estar mortas que estariam ligadas a isso. Uma dessas pessoas está morta, Jack. . ele não fez nada e ele está morto. Outra está do outro lado






do corredor em uma sala como essa, lutando para lidar com o que aconteceu. Eles a drogaram, a usaram. Você a culpa por Ava?

— Não. Deus.

— E por que se culpa?

— Eu não conseguia sair. Eu não conseguia sair... de mim mesmo e ajudá-la. Mesmo quando a ouvi gritando. Na minha cabeça.

— Treze pessoas mataram Ava. Você não era uma delas. Como você sobreviveu, nós as encontramos. Cada uma delas está trancafiada. Cada uma delas vai pagar. Você sobreviveu, e você me encontrou, Jack. Eu estive na suíte 606. Eu vi o que foi feito com ela. Eu tive o sangue dela nas minhas

mãos. Ela também esteve na minha cabeça, Jack. Estou lhe dizendo que ela não o culpa. Ela não quer que você carregue isso.

Ele estendeu uma mão, pegando a dela. — Eles vão pagar?

— Cada um deles.

— Obrigado.

Ela saiu e olhou a janela de observação quando Roarke se inclinou e beijou Mika na testa.

— Como ela está? — ela perguntou quando ele saiu.

— Melhor. Melhor do que eu esperava, na verdade. Mira disse que ela tem uma mente forte. E quanto a Jack?

— Ele vai chegar lá.

Roarke pegou sua mão. — Outro longo dia, tenente, com todos os seus interrogatórios, relatórios e conferências da mídia.

— Você também teve um, eu imagino, compensando o tempo perdido ontem. Comprar grandes partes do universo deixa um cara exausto.

— Na verdade, eu me sinto surpreendentemente... revigorado.

— Ótimo, porque eu quero ir para casa e dormir com meu marido. . em um sentido muito mais ativo do que a noite passada. — Ela deixou ele pegar sua mão enquanto se afastavam das salas de tratamento. — Sabe, encontrei um pequeno saco cheio de pedras e coisas floridas no bolso da jaqueta que eu estava ontem. Como você acha que chegou lá?

— Humm. Magia?

Ela lhe deu uma batida de ombro e deixou isso de lado. Para ela, a única magia que ela alguma vez precisaria era o bom e forte aperto de sua mão na dela.

FIM!